

**O MAIS  
IMPORTANTE SINAL  
DA VOLTA DE CRISTO**

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis  
(ex-padre)**

**Edições Cristãs**

# ÍNDICE

Dentre os “sinais”, o grande “sinal”  
Dentre os “sinais”, o maior “sinal”  
A apostasia, “Sinal” inconfundível  
Os tempos difíceis  
O ecumenismo  
O neo-evangelismo  
O “evangelho” social  
O pentecostismo  
“Acautelai-vos”

.oOo.

## DENTRE OS “SINAIS”, O GRANDE “SINAL”

É a grande hora da volta gloriosa de Jesus Cristo! Há vinte séculos, Ele aqui esteve. Palmilhou em carne padecente as jornadas dos homens, com eles nivelando-se. Em tudo fez-se-lhes semelhante. Na fome, no cansaço, na dor, na surpresa, no desapontamento, na sede, nos sobressaltos. Em tudo... *“Por isso mesmo convinha que, em todas as cousas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas cousas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo”* (Hebreus 2.17).

Em tudo... Em mais do que tudo... Porque, acima do comum dos homens, no escárnio, nas cusparadas, nos açoites... Na cruz da dor... Na cruz da execração pública...

Semelhante aos homens em tudo... Em mais do que tudo porque na abjeção da cruz recebeu da Justiça Divina o castigo dos nossos pecados.

Em carne sofredora Ele veio para ser *“traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades”* (Isaías 53.5).

Morto, sepultado, ressuscitou glorioso e ascendeu, triunfante, aos céus. À destra do Pai aguarda o instante da Grande Volta.

À terra virá em triunfo – a Sua PARUSIA – para arrebatat os crentes. E, empunhando o cetro de Justiça – com *“os olhos como chama de fogo”* (Apocalipse 1.14) – julgar os vivos e os mortos... Jesus Cristo, de cuja boca, segundo a visão do vidente de Patmos, João, *“saía-Lhe uma afiada espada de dois gumes”* (Apocalipse 1.16) para vindicar a santidade divina ultrajada e o amor divino tantas vezes desprezado por tantos homens.

Sua Volta majestosa é iminente!

Nesta época-vértice da História, cumprem-se todos os SINAIS da consumação escatológica.

Se a Sua Primeira Vinda foi precedida de sinais anunciadores, o Seu Retorno, de semelhante forma, será precedido deles.

Encontro-os referidos nas Sagradas Escrituras!

A multiplicação da ciência com o seu aprofundamento, com as suas inimagináveis descobertas, com os seus extraordinários inventos, com a sua maciça divulgação.

O agitar azafamado dos homens, sob todos os pretextos e com o pretexto sem qualquer pretexto, de uma parte para outra em tantos meios de transporte dotados de rapidez incrível.

A fixação do povo de Israel em sua própria terra, apesar da violenta oposição dos seus tradicionais e multisseculares adversários, os árabes.

Acerca dos sinais da Sua Vinda e do fim do mundo, em atenção à pergunta dos discípulos, Jesus Cristo pormenorizou. Encontro-os no “sinótico-apocalíptico”: Mateus 24.1-41; Marcos 13.1-13; Lucas 21.5-19, que Apocalipse 6.3-8 confirma:

Guerras e rumores de guerras;

Fomes;

Terremotos;

Cataclismos que abalarão os poderes celestiais;

Pestes;

Angústia das nações em perplexidade.

Essas ocorrências estonteiam os líderes mundiais. Perplexos, se veem impotentes.

Os crentes evangélicos, anelantes pela gloriosa Volta, perscrutam os seus indícios precursores. E impressionam-se

com a sucessão dos abalos sísmicos que destroem cidades inteiras. Com a enorme proliferação das pestes e com o câncer, com as moléstias cárdio-vasculares, com diabetes, a desafiar as ciências médicas e a imensa produção de produtos medicamentosos, todos incapazes de debelá-las. Com a fome que se alastra a dizimar multidões anemizadas à falta de alimentos ou intoxicadas pelos inseticidas e conservantes. Com a angústia das nações imersas em insolúveis problemas econômicos e sociais. Com a revolta dos poderes cósmicos pelas loucas experiências nucleares. Com a guerra da máquina, sobretudo do automóvel, a arma de matar, a máquina a se rebelar contra o homem, seu criador, e a esmagá-lo. Com o massacre dos filhos indefesos pelas próprias mães assassinas, exterminados por meio dos milhões e milhões de abortos anuais. Com a guerra fria entre as potências mundiais em permanente estado de beligerância. Com a guerra das ameaças da destruição instantânea e repentina da terra por armas potentíssimas.

Impressionam-se os evangélicos com os acontecimentos em torno da Nação de Israel, desde 1948, reinstalada em seus territórios. Humanamente insignificante diante de seus históricos encarniçados rivais, os árabes, fortalecidos estes com o apoio dos países comunistas, inimigos jurados de Deus.

Conhecedores das Escrituras, os evangélicos seguem, lance por lance, o desenrolar dos episódios dessa impressionante luta entre árabes e israelitas.

De todos esses eversivos eventos, sobreleva-se em importância o de Israel. É isso indubitável.

A fome, as guerras, as pestes, as tragédias, os terremotos, fazem parte, desde sempre, de todos os capítulos da História, apesar de sua presente recrudescência deixar o mundo alarmado.

Israel, porém, é o sinal atual. Povo sempre esmagado, jamais se poderia imaginar, por causa de suas peculiares circunstâncias, a sua reinstalação na própria terra.

Israel é o grande sinal – vaticínio evidente! – da iminência da consumação escatológica com a Volta de Jesus Cristo em glória e majestade.

## 2

### **DENTRE OS “SINAIS”, O MAIOR “SINAL”**

Os discípulos impressionaram-se com os últimos episódios e com as veementes declarações do Mestre. Tudo prognosticava um surpreendente desfecho.

O triunfo da Sua entrada em Jeru- salém empolgara-os. Surpreendera-os a cólera de que se deixara possuir ao, brandindo o chicote, expulsar os cambistas e vendilhões do Templo. Admiraram-se de a figueira infrutífera secar-se de imediato sob a sentença candente do Senhor: *“Nunca mais nasça fruto de ti”* (Mateus 21.19).

A Sua argumentação sólida e concludente em Suas vibrantes polêmicas com os judeus na disputa sobre o batismo de João, sobre a questão do tributo e sobre a ressurreição deixara-os estupefatos.

Surpreendera-os agora, quando Lhe fechavam o cerco, a Sua coragem e, por meio de parábolas como a dos dois

filhos, a dos lavradores maus e a das bodas, incitar os Seus adversários ao arrependimento.

Pasmara-os a ousadia ímpar do Mestre a agredir a liderança religiosa de Jerusalém com objurgatórias de fogo. Quem jamais se atreveria a dizer ali no Templo, a increpar os judeus, palavras de tão inaudita aspereza? *“Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus”* (Mateus 21.31).

Suas tremendas censuras aos escribas e fariseus que Mateus registrou (capítulo 23) são de uma coragem nunca vista e de uma realidade precisamente exata que ninguém se atreveu a contestá-las.

Pasmados, seguiam-nO os discípulos conjeturando o desfecho de algo terrível e mui próximo.

Ao se retirarem do Templo, contemplando a grandeza e a solidez de sua estrutura, seus ornamentos de formosas pedras, dizem-Lhe: *“Mestre! Que pedras,*

*que construções!”* (Marcos 13.1).

Estaria pessimista o Senhor? Por que tanta acrimônia? Não se excedera Ele em Suas atitudes e em Seus pronunciamentos?

O edifício sagrado de segurança pétrea e imponência altaneira não estaria ali a provar a permanente glória e a indestrutível grandeza da religião sustentada, apesar dos pesares, pelos sacerdotes, escribas e fariseus?

Contestou-lhes, todavia, o Mestre no mesmo tom de realismo objetivo e incontestável: *“Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derrubada”* (Mateus 24.2; Marcos 13.2; Lucas 21.6).

Emudecidos diante da afirmação categórica como se fosse uma sentença inapelável, cabisbaixos e pensativos, seguiram-nO até o Monte das Oliveiras.

Com o íntimo a fervilhar de espanto, curiosidade e dúvida, de lá do cume do outeiro contemplavam a magnificência do Templo sagrado.

Contrastava-lhes a palavra do Mestre aquela imbatível solidez.

A ameaçadora e indiscutível advertência de Jesus prevenira-os de que não se tratava somente de destruição de

Jerusalém e do Templo. A desgraça não se circunscreveria aos limites geográficos da capital de Judá. Destruído o Templo, centro do culto a Jeová, abalar-se-ia até à destruição o mundo todo na oportunidade das vésperas da Vinda do Filho do Homem.

Esmagados pelo conflito íntimo, dEle se aproximaram ali na quietude distante das multidões e interrogaram-no: *“Dize-nos quando sucederão estas cousas, e que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século”* (Mateus 24.3).

A seqüência dos sinais confirma como exata a observação dos discípulos: a Volta de Cristo e o fim do mundo são vaticinados pela destruição do Templo!

Os sinais são de tragédias. Nada de alvíssaras.

O primeiro deles, em ordem de alusão, e primeiro em importância, é o da **APOSTASIA**.

Antecipando sua referência, previne-os: **“Vede que ninguém vos engane”** (Mateus 24.4).

Não lhes recomendou – não os aconselhou – cautela quanto aos perigos da guerra e dos terremotos. Nem sugeriu especiais providências quanto à ameaça da fome e peculiares cuidados quanto ao

risco das pestes.

Prevendo carestia de alimentos, os homens, como José no Egito, abastecem os celeiros. Envidam esforços com transações diplomáticas para impedir as guerras e, se fracassadas estas, adotam medidas protetoras que os ponham ao abrigo dos ataques inimigos.

Dessas preocupações Jesus não os advertiu! Nem da surpresa dos terremotos, de cujas conseqüências imprevisíveis ninguém pode escapar.



Sim, a exortação é no sentido de que se cuidem para não serem enganados pelos teologastros da apostasia: *“Porque virão muitos em Meu Nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos”* (Mateus 24.5).

De certa feita, discorrendo com os discípulos acerca da surpresa de Sua Vinda, para instalar o Seu Reino, ao desafiá-los sobre a necessidade de estarem preparados, aconselhava a não seguirem os anúncios falsos de Sua chegada: *“Ei-lo aqui! Ou: Lá está!”* (Lucas 17.23).

E, na perspectiva do predomínio avassalador da apostasia, pergunta: *“Quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?”* (Lucas 18.8).

É a interrogação que afirma!

E agora, ali no Monte das Oliveiras, expõe os mais desastrosos sinais. Sua mente, todavia, se absorve com o mais importante de todos e a ele retorna: *“Levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos”* (Mateus 24.11-12).

Fala a respeito da Grande Tribulação e descomunal catástrofe. Seu pensamento, no entanto, se centra no máximo sinal e nele insiste: *“Se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho dito. Portanto, se vos disserem: Eis que Ele está no deserto! Não saiais; Ei-lo no interior da casa! Não acrediteis”* (Mateus 24.23-26).

Se precedera o Seu anúncio com a exortação *“vede que ninguém vos engane”* (Mateus 24.4), ao repetir o aviso acerca da apostasia, adverte de novo: *“Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito”* (Marcos 13.23).

De sobreaviso para as guerras? De precaução para a fome? De alerta para os terremotos? De prevenção para as pestes?

Não!!!

De atalaia, sim, para a APOSTASIA! A apostasia, o mais importante, por ser o maior, de todos os sinais.

**3**

## **A APOSTASIA**

O prosseguimento do nosso estudo só nos será proveitoso com o entendimento exato desse vocábulo.

Vamos, portanto, defini-lo e averiguar suas condições seguidas de alguns oportunos esclarecimentos.

### **Definição**

A Apostasia é a deserção ou o abandono da fé cristã anteriormente professada.

É a fuga para a infidelidade dou- trinária. O apóstata assemelha-se a Himeneu e a Fileto, “*que se desviaram da verdade*” (2ª Timóteo 2.17-18).

## Condições

Para que ocorra a apostasia são necessários três requisitos:

### 1) Fé cristã.

Nas Sagradas Escrituras a palavra fé tem, dentre outras, estas duas acepções: confiança e doutrina.

Confiança é aquele gesto íntimo de aceitação plena de Jesus Cristo como Salvador. É, outrossim, nossa segurança na misericórdia de Deus.

Fé também é o conjunto das doutrinas bíblicas. Quando Judas, o servo de Jesus Cristo, em sua epístola exorta a que pelejemos *“pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”* (v. 3), ele alude ao complexo doutrinal.

É *“a doutrina de Cristo”* (2ª João 9-10). É a *“doutrina dos apóstolos”* na qual os crentes da primitiva Igreja em Jerusalém perseveravam (Atos 2.42).

### 2) Profissão dessa Fé-Doutrina.

Quem nunca creu, ou seja, quem nunca admitiu a **“sã doutrina”** ou a **“doutrina dos apóstolos”** é evidente, não pode dela se afastar.

O espírita, por exemplo, que deserta do espiritismo não pode ser considerado apóstata no sentido das Escrituras do

Novo Testamento.

De semelhante modo, o católico que se converte ao Evangelho não pode ser tido como apóstata. Ele rompeu com a falsidade religiosa e aderiu à “Boa Doutrina”.

3) O terceiro requisito é o abandono, a renúncia, o desprezo da legítima Doutrina ou Fé.

Se um evangélico se entrega aos vícios e, em consequência, é eliminado de sua igreja, mas continua crendo nas doutrinas bíblicas, é evidente, que não apostatou. Neste caso, deixa de se caracterizar a apostasia.

## UMA DEFINIÇÃO NECESSÁRIA

Diferenciem-se doutrinas e costumes.

**1) DOCTRINAS** são princípios ou postulados intelectuais, ou seja, axiomas relacionados com a razão. São a teoria da Bíblia.

Quando se vai discorrer acerca de

qualquer assunto, importa, sobremaneira, a exata e perfeita compreensão das palavras ligadas a ele.

Do contrário, corre-se o risco da perda de tempo e da frustração por não se haver transmitido conhecimento algum.

Falamos em TEORIA!

Se hoje tudo é deturpado, as palavras o são muito mais.

Teoria, em sua significação correta, não é utopia, ficção, hipótese. Nem é divagação ou fantasia. Nem elucubração ou devaneio de mente.

TEORIA é o complexo ou conjunto dos princípios ou enunciados intelectuais especificamente das Escrituras Sagradas porque sobre elas estamos estudando. É lógico que a teoria abrange os princípios fundamentais ou axiomas de qualquer ciência.

TEORIA, insisto, é a parte especulativa das Escrituras.

Lá vem outro termo necessitado de esclarecimento por estar também muito desfigurado e viciado! É o vocábulo ESPECULATIVA.

Especulativa se refere à especulação.

E especulação é a investigação teórica em assunto doutrinal. É o estudo atento e minucioso dos princípios.

Por conseguinte, DOCTRINA é a TEORIA da Bíblia. É sua parte especulativa. São os seus princípios intelectuais.

Portanto, a DOCTRINA correlaciona-se com a VERDADE. Cito exemplos de DOCTRINA!

Deus é Santo. Deus é Criador. Ele criou tudo do nada.

A Divindade de Cristo. Sua Morte expiatória e vicária. Sua ressurreição corporal.

A Bíblia é a única regra de fé ou exclusiva e todo suficiente fonte de Revelação Divina. Única regra de fé, ou seja, de Doutrina.

A imprescindibilidade da Fé (= confiança) e exclusivamente de fé para a salvação do pecador.

A Bíblia é doutrina do Gênesis ao Apocalipse. É Teoria do começo ao fim.

A vida cristã promove o desenvolvimento integral do ser humano. Desde o seu intelecto. Fundamenta-se ela nas Sagradas Escrituras, que são doutrina de

Deus. Teoria divina. Especulá-la, quer dizer estudá-la atentamente, pesquisá-la minuciosamente, como os bereanos faziam (Atos 17.11) e como Jesus quer que se faça (João 5.39) e produz expressivo e destacado desenvolvimento intelectual.

Nessas condições, a vida cristã milita contra o anti-intelectualismo por se embasar e enraizar em convicções profundas.

Exatamente porque as Sagradas Escrituras são uma totalidade de doutrinas, ou teorias, ou princípios divinos, Deus recusa ser crido com uma fé cega. Também a fé-confiança é um culto racional a Deus.

Eu confio de todo o meu coração em Jesus Cristo como o meu único Salvador porque a minha inteligência esclarecida e convencida pelas Escrituras no tocante à todo-suficiência do Seu sacrifício expiatório e vicário me leva a essa confiança.

## **2) COSTUMES.**

A palavra costume tem vários signifi

cados:

a) uma prática geralmente observada. Por exemplo: a de se dizer: bom-dia, boa-tarde, parabéns, boas-festas... A de se comer sopa com a colher, a de se comer sentado.

b) um hábito. Como a de uma determinada pessoa que invariavelmente se levanta às seis horas da manhã ou daquela outra que só toma banho antes de se deitar.

c) uma moda de roupa. Mais longa ou mais curta, larga ou apertada; de corte de cabelo ou de adorno, como das jóias ou da pintura no rosto e nas unhas.

d) costume também quer dizer procedimento, conduta ou comportamento. É a maneira como o indivíduo vive na prática. São os seus deveres sociais ou familiares.

A MORAL diz respeito aos costumes ou aos deveres do homem para com Deus, para consigo próprio e para com os seus semelhantes.

As Sagradas Escrituras se recobrem, outrossim, de preceitos morais. São elas, por isso, o grande roteiro estabelecido por

Deus para nossa conduta no exercício das boas obras.

## **NÃO CONFUNDAMOS**

Certa vez, viajava eu num ônibus urbano. Uma senhora conversava com a sua companheira de poltrona e dizia: “Os batistas não têm doutrina porque as mulheres cortam o cabelo, pintam as unhas e o rosto”.

Isso nada tem a ver com a doutrina. São costumes.

No passado, um chefe pentecostal do Rio de Janeiro, com extremo rigor, exigia o uso do chapéu para os homens. Se algum saísse à rua sem a convencionada cobertura na cabeça, caso denunciado, sumariamente era excluído da “igreja”. E o cidadão defendia a exigência como “doutrina”.

Por causa dessa “doutrina” aconteceu uma cisão naquele grupo pentecostal.

O uso ou não do chapéu, do cabelo cortado curto ou conservado comprido, da barba, do bigode, do sapato ou da alparcata... Da roupa comprida até aos

tornozelos ou curta até aos joelhos... Do baton nos lábios, do esmalte nas unhas, das bijouterias no pescoço e dos anéis nos dedos... Do banho de mar, de se “curtir” um sol na praia... Do cinema, do teatro, do futebol... Da novela de televisão ou de certos ritmos de música no rádio... De se levantar às seis da manhã ou tomar banho antes de dormir... Tudo isso são usos e costumes. Nada têm a ver com a doutrina.

Ah! É evidente! O nosso comportamento é assunto muito importante. Quanto a isso, nenhuma dúvida, nenhuma discussão.

Ah! É evidente! Se, por causa das minhas idiossincrasias, esquivo-me de tomar banho de mar, não posso estabelecer isso como norma moral e cominar com pecado essa regalia para os outros.

Se, por causa da minha idade, cinco horas de sono me bastam, não posso tachar os outros de preguiçosos por dormirem oito.

Se, por causa de um defeito físico nas pernas, a mulher usa vestido pela metade da canela, não há de recriminar aque

la que o usa até aos joelhos.

Essa questão de usos e costumes é muito elástica e depende tanto de cada época como das circunstâncias...

Bem, voltemos ao nosso tema porque o nosso objetivo não é o de apresentar um tratado de moral.

## **A PREVALÊNCIA DA DOUTRINA**

Qual é mais importante: a DOCTRINA OU A MORAL?

Ambas são muito importantes. Importantíssimas!

O Decálogo é o fundamento da Moral por estabelecer as normas básicas da conduta do homem em todos os segmentos da vida, destacando-se o seu relacionamento com Deus.

Relacionamento este que implica muito em Doutrina.

Por exemplo, os preceitos do Decálogo que se relacionam diretamente com Deus têm como único conteúdo o de Doutrina.

Os direitos e DEVERES humanos se acoplam à Moral. DEVERES estão em

letras versais porque nos preocupamos tão pouco ou nada com eles! Direitos e DEVERES são correlatos. Só tenho Direitos se cumpro meus DEVERES. E os meus Direitos só chegam até onde começam os Direitos dos outros.

Se a Moral inquestionavelmente é importantíssima, a prevalência da Doutrina, no entanto, é indiscutível, tanto mais que a Doutrina se firma na Inteligência, a faculdade mais nobre do homem.

Com efeito, de minhas convicções doutrinárias procedem minha conduta e o meu relacionamento com Deus e com os meus semelhantes.

De minhas convicções doutrinárias evangélicas, firmadas nas Escrituras, decorre minha correspondência à Graça salvadora de Jesus.

É o ensino de Tiago: *“Eu, com as obras, te mostrarei a minha fé”* (2.18). Se tenho fé em profunda convicção, ela se reflete ou se exterioriza no meu comportamento, apesar das muitas falhas inerentes à minha fragilidade humana.

Paulo Apóstolo, sempre atento à preservação da pureza e da fidelidade



doutrinal, endossa o primado da Doutrina quando discorre sobre o princípio ou teoria da transcendentalidade de Deus.

O Seu eterno poder e a Sua Divindade (também princípios doutrinários axiomáticos) podem ser averiguados nas coisas criadas.

Os que “se tornaram nulos em seus próprios raciocínios” por terem, logicamente, desprezado os verdadeiros postulados divinos, “mudaram a glória do Deus incorruptível (transcendente, é outro princípio doutrinário) em semelhança da imagem do homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus entregou tais homens à imundícia” (Romanos 1.18-32).

A pavorosa decadência moral do homem que rejeitou o “**CONHECIMENTO de Deus**” (conhecimento doutrinário) é a trágica consequência de desvios no setor dos princípios teóricos.

Estes postulados doutrinários são imutáveis e imarcessíveis, fator este a sobrelevá-los a normas morais condicionadas, em sua aplicação prática, a circunstâncias várias.

A primazia da Doutrina se realça, outrossim, pela palavra de Jesus. Discutia Ele com os judeus precisamente sobre a doutrina de Sua missão e da consubstancialidade do Filho e do Pai (“Se conhecêsseis a Mim, também conheceríeis a Meu Pai” – João 8.19) quando muitos creram nEle.

A estes disse o Senhor: “Se vós permanecerdes na Minha palavra, sois verdadeiramente Meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8.31-32).

Jesus é a Verdade que liberta!

A Verdade que liberta de quê?

Liberta dos vícios morais, dos costumes pecaminosos?  
Do alcoolismo? Das drogas?

Sem dúvida, Ele é o Libertador do pobre pecador!

Mas o que é o contrário à Verdade?

O contrário do Bem é o Mal. O contrário do Belo é o Feio. E o contrário da Verdade?

O contrário da Verdade é a Mentira!

Jesus é a Verdade que liberta! Liberta da mentira religiosa!

Aliás, na conceituação de pecado distinguem-se os pecados morais e os pecados doutrinários.

Os primeiros ferem as normas e regras morais. O adultério macula a fidelidade matrimonial. O roubo viola a propriedade particular. O homicídio violenta a integridade da vida.

Os pecados doutrinários infringem os postulados da Verdade. A idolatria, por exemplo, é um pecado doutrinário por afrontar a transcendentalidade e a espiritualidade de Deus. Tomar o Seu santo Nome em vão atenta à Sua infinita santidade.

Também neste aspecto, a Doutrina se revela prevalecte na medida em que o pecado contra ela se constitui numa afronta direta a Deus, em Seus atributos pessoais.

Enfim, há ainda outro fator a destacar essa primazia doutrinária: a apostasia, que é a deserção da Fé ou da Doutrina (e não a decadência moral), é o sinal mais importante e único para a Igreja da Volta de Cristo.

# INCONFUNDÍVEL

Deflagrar-se-ão as guerras. *“Forçoso é que assim aconteça”*. Elas se sucederão e, muitas vezes, se simultanearão queimando cidades e nações. *“Mas ainda não é o fim”* (Mateus 24.6). *“Mas o fim não será logo”* (Lucas 21.9).

Sublevações dos povos, turbulências sociais, crises econômicas, fomes, abalos sísmicos, revolta cósmica... *“Tudo isto é o princípio das dores”* (Mateus 24.8). Dores a se prolongarem em toda a vigência da Dispensação da Igreja, que é *“o tempo do fim”*.

São os sinais que enchem de des- graças as páginas da História da huma- nidade sempre intranquila na expectativa ansiosa das tragédias.

Se fossem só esses os indícios da Vinda de Cristo, por muitas vezes já os

homens a teriam aguardado como se estivessem na véspera dela.

De Paulo Apóstolo que lhes falara o Evangelho de Deus em meio de grande combate (1<sup>a</sup> Tessalonicenses 2.2) receberam-no os tessalonicenses com muita tribulação (1<sup>a</sup> Tessalonicenses 1.6), inquietos e apreensivos aguardavam para os seus dias a Volta do Senhor.

Desassossegados, deixaram de trabalhar (1<sup>a</sup> Tessalonicenses 4.11). Apreensivos, temiam pelos crentes já falecidos como se eles não seriam arrebatados (1<sup>a</sup> Tessalonicenses 4.13).

Deveriam retornar aos seus negócios e às atividades, aconselha-os o Apóstolo. Queria-os, outrossim, informados sobre a ressurreição dos mortos em Cristo, os quais ressuscitarão antes de serem os vivos transformados.

O mundo, no entanto, ainda não se sazou para o Grande Evento. Antes de sua ocorrência cumprir-se-ão os sinais precursores.

Paulo Apóstolo, de todos os pormenores registrados nas Sagradas Escrituras, frisa apenas um. O mais destaca

do! O da APOSTASIA.

*“Ninguém de nenhum modo vos engane...”*

Dissera Jesus: *“Vede que ninguém vos engane”* (Mateus 24.4).

Exortação coincidente em vista da gravidade do risco.

*“Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”* (2ª Tessalonicenses 2.3-4).

Caminham de parilha a apostasia e o homem do pecado, que é o Anticristo, a contrafigura satânica do Salvador estudada em meu livro: A BESTA DO APOCALIPSE.

Nem o regresso portentoso da nação israelense para sua terra, indício este muito considerado entre os evangélicos, nem esse regresso Paulo menciona. Refere-se a um único sinal dos tantos

constantes nas Escrituras. Realça com insistência a APOSTASIA.

É verdade incontestável! O Apóstolo se salientara como pregador do Evangelho. Ou melhor, destaca-se ainda, sem favor algum, como o maior pregador de todos os tempos. Sem dispor dos modernos meios mecânicos de comunicação de massa, durante os dois anos de sua permanência em Éfeso, onde se centralizava o culto à senhora Diana no seu esplendoroso templo, uma das sete maravilhas do mundo da época, pelo ministério efficientíssimo do Apóstolo, todos, tanto judeus como gregos, em TODA A ÁSIA ouviram a Palavra do Senhor (Atos 19.10).

Em seguida de Jesus Cristo, é ele o inexcedível pregador.

Se pregador insuperado e insuperável realça-se, outrossim, ao seu próprio ministério predicante como DEFENSOR DO EVANGELHO (Filipenses 1.16).

Defensor impertérito na sustentação da “SÃ DOCTRINA” pela qual também expusera a vida à sanha dos seus corruptores.

Depois de sua estada de dois anos em Éfeso passou, no exercício de sua incumbência missionária, por várias localidades: Macedônia, Grécia, Trôade, Mileto, com destino a Jerusalém, onde planejava estar no dia de Pentecostes.

Sabia já o Apóstolo ser esta a sua derradeira viagem por aqueles rincões do mundo. Sua ida a Jerusalém ocasionar-lhe-ia o encarceramento e a sua deportação para Roma.

De Mileto mandou chamar os presbíteros de Éfeso. Deles queria despedir-se. Amava a igreja ali localizada. Previa os ataques inimigos contra ela.

Fala-lhes a respeito da integridade do seu próprio ministério: *“Eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus”*.

E admoesta-os: *“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes que não poupa*

*rão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando cousas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles”* (Atos 20.26-31).

Antecipando-se à infiltração da heresia, estimulava aqueles presbíteros a que vigiassem por si e pelo rebanho.

Por si, porquanto dentre eles próprios surgiriam os promotores da apostasia. Daqueles presbíteros que ali estavam, que choravam a sua despedida e que no auge da

sensibilidade o beijavam, daqueles mesmos presbíteros saíam, prevaricando, os “lobos cruéis”.

Enviara posteriormente Timóteo a resistir as heresias, já logo após aquela despedida, grassantes no seio da igreja. Com efeito, segundo as previsões do Apóstolo, da “sã doutrina” desviaram-se alguns, apostataram e se entregaram a discursos vãos, querendo ser doutores da Lei, sem entender nem o que diziam e nem o que com tanta confiança afirmavam (1ª Timóteo 1.6-7), destacando-se nominalmente entre os apóstatas Himeneu e Alexandre (1ª Timóteo 1.20; 2ª Timóteo 2.17; 4.14).

E sabe, irmão leitor?

A senhora Diana dos efésios, cuja imagem, segundo a crença idólatra, caíra de Júpiter, e cuja devoção arrastava as romarias de todas aquelas regiões da Ásia; a senhora Diana entronizada num esplendoroso altar abrigado no mais rico templo religioso do mundo, uma das suas sete maravilhas; a senhora Diana que fora abalada com as pregações de Paulo, tão vigorosas que aluíam seu vigor na credence popular; a senhora Diana, amparada e revitalizada pelas heresias anemi- zadoras da igreja; a senhora Diana, graças à apostasia, encampada pelo catolicismo incipiente, deu origem ao culto de Maria.

Irrisão da História! Exata e preci- samente em Éfeso, centro do culto dianólatra, nasceu o culto mariólatra do catolicismo.

E, de fato, no ano 431, um Concílio iniciou oficialmente o nefando culto quando proclamou o primeiro dogma mariano, o da maternidade divina de Maria.

Nessa oportunidade, os hierarcas católicos rezaram:  
“Santa Maria, MÃE DE

DEUS...”.

Assim como a natureza não dá saltos, mas se desenvolve lentamente, assim também a apostasia, vagarosa e seguramente, engrossa o seu ideário.

Espalha-se nas leiras fofas a semente. Seria ingênua veleidade a esperança de se colherem as hortaliças logo no dia imediato ou na semana seguinte.

A apostasia, precursora da Volta gloriosa do Senhor Jesus Cristo, lançou a sua primeira raiz com os fariseus legalizantes. Aqueles que exigiam, além da fé em Jesus Cristo, a prática de obras para a salvação dos pecadores (Atos 15.1, 5), heresia esta que é a tese fundamental da dogmática católica.

Fincada esta raiz no solo das igrejas envolvidas pelos insidiosos propagadores da heresia, novas doutrinas espúrias, inclusive o primeiro dogma da mariolatria, e práticas religiosas do paganismo incorporadas, foram engrossando, incrementando e avolumando o catolicismo até culminar na assomada em nossos dias reconhecida.

É o antecedente inconfundível da

iminente Vinda do Redentor!

Conquanto houvesse Paulo Apóstolo cumprido até ao heroísmo a sua missão de defender o Evangelho, luta esta que o fez produzir o seu magnífico epistolário, manancial inesgotável de ensinamentos teológicos, a apostasia deveria vingar, crescer, superar os domínios da Verdade entre os homens, confundir as mentes na rota do progresso do sistema do Anticristo.

A apostasia precisa cumprir o seu destino a fim de sazonar o mundo para a Volta de Jesus Cristo!

Fracassou o Apóstolo?

Absolutamente não!!!

Inspirado por Deus, ele reconhecia a ascensão explosiva da apostasia. *“O Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios”* (1ª Timóteo 4.1).

São os tempos penosos e difíceis (2ª Timóteo 3.1) a que chegamos nós, quando os Janes e Jambres se multiplicam de modo alarmante ao resistirem à Verdade

como homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé (2ª Timóteo 3.8).

## 5

# OS TEMPOS DIFÍCEIS

Confluem para o insuperável evento da gloriosa Vinda de Jesus Cristo as ocorrências de todos os sinais seus precursores.

Deles todos qual ainda falta acontecer?

Até o mais importante, o maior de todos, o inconfundível, aí está.

Analisá-lo-emos, embora reconheçamos a inutilidade deste esforço quanto ao arrancar da apostasia os por ela enleados.

O apóstata não tem oportunidade de volver à Verdade integral do Evangelho!

Para a apostasia Deus só reserva Juízo!!! E para os apóstatas, a Sua cólera!!!

Nosso esforço visa a imunizar de seu contágio os que foram iluminados porque provaram da boa Palavra



de Deus e nos preparar, no desfrute de legítimo júbilo pelo avizinhamo do esplêndido dia da

nossa glorificação em Cristo, para o magnífico episódio.

Olhos levantados na contemplação do inconfundível acontecimento, apesar de indignados com a apostasia adúltera da legítima doutrina, contemplaremos, compadecidos dos sequazes dela, os seus derradeiros retoques na preparação da espetacular e última parusia (= manifestação) do Anticristo, que outro não é senão o “PAPA”, o “sumo pontífice” do catolicismo romano, encarnação-tipo da mulher montada na besta apocalíptica dos poderes civis identificados no Império da coligação romana, arremate dos planos do Mercado Comum Europeu.

Mulher essa, “*mãe das prostituições*”, “*a grande Babilônia*”, “*a grande cidade*” de Roma-religiosa, a Babel-Roma, cuja caracterização e cujo extermínio definitivo se registram em Apocalipse 17-19.1-3.

É incontestável por parte das pessoas sensatas a conclusão, à luz das Sagradas Escrituras, de ser o “papa” o Anticristo em pessoa e a religião por ele pontificada aquele sistema simbolizado pela “*mãe das prostituições*”, pela “*grande cidade*”

e pela Babel-Roma dos sete montes.

Esse assunto eu o apresento em meu livro A BESTA DO APOCALIPSE, cuja leitura, *data venia*, recomendo por atual e sumamente oportuna.

Nestas horas em que escrevo estas páginas, o “papa”, no furioso apogeu da sua glória, se permite a estrondosa parusia na Irlanda e nos Estados Unidos da América do Norte.

Logo nos primeiros meses do seu retumbante pontificado, visitou o México, onde só nos cinco dias de sua presença produziu mais riquezas financeiras para o comércio do que nos trinta dias de Copa do Mundo do Campeonato de Futebol na Argentina em 1978.

Na Polônia, a sua pátria, a sua passagem superou todas as expectativas e todas as medidas repressoras de entusiasmo popular adotadas pelas autoridades governamentais, contrariadas, mas impossibilitadas de impedi-la, com a visita papal.

Sua estada de sete dias nos Estados Unidos mobilizou 14 mil jornalistas do mundo inteiro. A grande nação parou a

fim de receber o “sumo pontífice”. A sua passagem por Boston exigiu 130 quilômetros de cordas para conter as multidões em delírio. A montagem do cenário para a sua “missa” em Filadélfia custou 75 mil dólares (dois milhões e duzentos mil cruzeiros). Sua “missa” em Washington contou com a presença de mais de um milhão de pessoas, assistência jamais havida em semelhante celebração em toda a história do catolicismo (Revista VEJA, nº 578, 02/10/79).

Estes são os tempos penosos do imenso aluvião da apostasia a beneficiar o Anticristo e sua “*grande cidade*”.

Aí está ela. Imperiosa. Dominante.

Invadiu as nossas igrejas. Assomou aos púlpitos. Avassala nossos seminários.

Ser apóstata hoje é ser “avançado”. Atual. Cuca sem grilos. Mente arejada. Inteligente.

O fiel à Palavra de Deus é considerado pelos apóstatas um “quadrado”. Bitolado. Retrógrado. Múmia. Obsoleto. Velho. Troglodita. Inimigo da paz.

O adjetivo ORTODOXO é motivo de chacota e de desprezo. Também nos meios

pentecostais. É título de vilipêndio.

Em sendo a apostasia a sistemática de negações, é ela obra do diabo, o sedutor que a incrementa por meio dos falsos cristos e dos falsos profetas.

Releva frisar! O “papa” não é apóstata.

Não o é por jamais haver professado a Fé Evangélica. Sua crença reside em falsidades blasfemas de uma dogmática de

soléncias dialéticas resultantes de deslavada escroqueria intelectual.

Sem ser apóstata, é o revelado “*homem do pecado*”, o opositor de Deus, que se apresenta como Deus, o “*mistério da iniquidade*” a operar, a incentivar, a incrementar a apostasia (2ª Tessa- Ionicenses 2.3-7).

Na postura do Anticristo, é ele o seu máximo promotor cuja atuação em prol do seu alastramento em inimagináveis proporções está se dando nestes penosos tempos.

E ainda! Se o Anticristo, o “papa”, sempre a liderou e agora a promove como nunca, em contrapartida, ele próprio, o “papa”, a gigantesca e irresistível impostura, é o grande beneficiário do

avassalador crescimento da apostasia. De todas as seitas católicas à pessoa do “papa” atroam ovações frenéticas, engrossadas pelas aclamações dos grupos protestantes.

Louvam-no com entusiasmo de babar na gravata, os apóstatas empoleirados nas denominações evangélicas.

Sorriem com simpatia por sua atuação os pascácios evangélicos idiotizados pela ânsia de se demonstrarem atualizados e na onda da época.

É o “*mistério da iniquidade*” em exuberante ação quando Satanás, desesperado, joga suas últimas cartadas.

Engajados na arrancada final da apostasia, destacam-se nos redutos da “Cristandade” quatro expressivos movimentos: O Ecumenismo, o Neo-Evangélico, o “Evangelho Social” e o Pentecostismo a serem verificados nos capítulos subsequentes.

## O ECUMENISMO

O OIKUMENE (em grego) é uma tática política tão velha quanto a potência dos Césares que, desde Otávio, cognominado Augusto, ambicionava uma humanidade unida e unificada sob o único centro da exclusiva autoridade do imperador endeu- sado.

Por admitir-se a influência do fator religioso na sensibilidade humana, aceitaram-se, por respeitá-las, todas as crenças dos povos bárbaros abarcados pelos tentáculos do dominante e poderoso Império.

Esta política de aglutinação religiosa sob a égide de ideais político-sociais visava a consecução do objetivo ecu- mênico na compacta unidade imperial. O *Pantheon* tornou-se, pois, o símbolo da *oikumene* religiosa por agasalhar todos os deuses e permitir a celebração de todos os cultos.

Só os cristãos se negavam ao sin- cretismo ecumênico por repelirem o emparceiramento com a idolatria imperial e o engajamento no programa ecu- mênico-sócio-político.

O preço de sua inflexível fidelidade foram as crudelíssimas perseguições, sempre provocadas sem a sanção de qualquer lei ou decreto.

Somente em 24 de fevereiro de 303 o feroz imperador Galério promulgou um edito oficializando-as, no propósito de sufocar em definitivo o crescimento dos cristãos teimosamente rebeldes ao acopla- mento no plano ecumênico de um imenso Império unido sob a inspiração sincretista do *Pantheon*.

Nem a lei injusta intimidou os cristãos. Acicatados pela violência, mais e mais se expandiam.

Admitindo-se frustrado, o mesmo Galério, oito anos depois, sancionou novo edito revogando o anterior e concedendo tolerância aos servos de Jesus.

Constantino, seu sucessor, decidiu ir além da simples tolerância. Reconhecendo a inexcedível capacidade de

heroísmo e a inabalável firmeza de convicções, propôs o plano de atrelar os cristãos à máquina compressora da *oikumene* imposta pela aspiração da unidade imperial. Império unido numa religião unida!

E, pela máquina do ecumenismo, foram esmagados os grupos religiosos opositores do programa imposto.

Em 325, Constantino convocou e presidiu o Concílio de Nicéia, o primeiro concílio ecumênico.

Durante a sua celebração efetivou-se oficialmente a instalação do **Catolicismo** quando o imperador atribuiu o nome **católico** ao grande grupo dos cristãos nominais adesistas de sua política ecumênica.

“Católico”, de resto, é sinônimo de “ecumênico” porque ambos os termos expressam o sentido de universalidade. Por isso, o vocábulo católico significa em extensão e em profundidade o plano político de Constantino Magno.

Foi, portanto, neste Concílio de Nicéia que a mulher-religião montou a besta do imperador (Apocalipse 17.3).

O catolicismo, nos moldes ainda e sempre vigentes, nasceu desse programa de unidade totalitária imperial sonhado desde Otávio Augusto e imposto por Constantino.

Daniel, em suas visões alegóricas, viu um quarto animal com dez cornos, figuras de dez reis, dos quais subiu outro chifre, pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados (Daniel 7.7-8).

No Concílio de Nicéia, que reuniu representantes do cristianismo nominal procedentes de todos os reinos do Império, nesse Concílio ocorreu o acasamento (quase diria

coito) do cristianismo afistulado com a política imperial, produzindo a concepção do “Anticristo” na pessoa do “bispo” de Roma, já olhado com respeito e deferência por essa facção cristã já corrompida por residir ele na URBS, capital do Império.

Em tempos posteriores, já após o predomínio dos povos bárbaros que esfacelara o antigo Império Romano, esse chavelho, antes pequeno, agora em fase de franco desenvolvimento, arrancou três

dos povos bárbaros (os hérulos, os ostrogodos e os lombardos) da Península Itálica e, ao confiscar-lhes os domínios, implantou os Territórios Pontifícios. Em meu livro *A BESTA DO APOCALIPSE* desenvolvo um estudo deste assunto e recomendo sua leitura para completo esclarecimento.

Em sendo coerente com a filosofia política que o bafejara em sua adoção imperial, o catolicismo intensificou suas atividades ecumênico-sincretistas de absorver e assimilar doutrinas e práticas cúltricas do paganismo antigo. E o *Pantheon* se tornou em símbolo de sua permanente linha de conduta expansionista pelo sincretismo.

E para as demais religiões só restava uma das duas opções: deixar-se sorver pela sucção do catolicismo ecumênico-sincretista ou ser por ele esmagado.

Essa política concentracionária sempre norteou o ativismo católico e o credenciou à postura de dominador soberano de todas as religiões ditas cristãs, inclusive do espiritismo.

Quer queiramos quer não, todos esses

grupos cristãos, embora afastados da comunhão papista, são subsidiários do catolicismo romano. Giram em torno dele como seus satélites e dele se beneficiam nas suas feitiçarias.

O catolicismo, em contrapartida, também extrai os seus benefícios da situação, tanto assim que, neste fim da Dispensação da Igreja, outra vez lança-se às já provadas

experiências ecumênicas na certeza absoluta de capitalizar altos dividendos.

Mesmo se não houver o retorno para a sua comunhão de algum grupo dissidente, ser-lhe-á o ecumenismo altamente rentável pelos fiéis que conseguiu segurar, neutralizando-os de qualquer influência do Evangelho. E também por incrementar enormemente a apostasia nas esferas evangélicas.

Em meu livro O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS analiso em considerações documentadas os dois objetivos preponderantes da ação ecumenista proposta pelo Vaticano: o de possibilitar a reintegração dos dissidentes em suas hostes e o de dificultar a propagação da Verdade do Evangelho,

arrastando às correntezas da apostasia definitiva pessoas de crença evangélica.

Se os evangélicos, via de regra, recusam qualquer aceno no sentido de adesão aos seus dogmas, contudo, têm-se permitido amaciar, enquanto o povo julga serem boas todas as religiões, porque lá no catolicismo os “padres” agora também estão pregando o Evangelho, já mandam ler a Bíblia e de muitos templos retiraram muitas imagens (Mandar pra quê? Agora somos todos iguais!).

Grande parte de pastores evangélicos chega ao cúmulo de ver vantagens nesta situação de amizade com o clero. No passado, as perseguições embaraçavam-lhes os interesses materiais.

Desde que a popularidade é o padrão do sucesso no mundo, emparceiram-se os pastores com os clérigos no intento de prestígio social.

É muito mais fácil e evita dores de cabeça dançar ciranda-cirandinha com os sacerdotes do que enfrentar as suas baboseiras e combater as suas falsas doutrinas.

A tendência para a pusilanimidade

moral incrustada na pobre natureza humana conjugada à insegurança das convicções doutrinárias contribui enormemente para o ecumenismo. E este movimento criou o clima propício ao impulso tremendo da apostasia.

Em toda a História da Igreja, apesar de sua infidelidade a Deus, e, muitas vezes, a sua ímpia ligação com o mundo, pelo menos ela sempre conservou o Nome do Senhor, não negando a Fé.

Os grupos evangélicos não conformistas escasseiam e as igrejas como corporações vão acabando. Grande maioria delas hoje se reduz a clubes de religiosidade social.

Também, como efeito da ação ecumênica, a apostasia se avolumou de tal maneira que hoje já não é um movimento contra a Igreja, mas da própria Igreja. É uma operação da “igreja” nominal contra a “sã” e “boa doutrina” sobre a qual se enraíza a verdadeira Igreja.

E os nossos seminários?

Com um corpo docente, salvo as honrosas exceções, apostemado de heresias, numa linguagem burra,

encharcam dos apostemas da apostasia a cabeça oca de muitos dos seus alunos. Põem-lhes nas mãos livros de autores católicos, enaltecendo os teologastros papistas como o supro sumo da inteligência quando estas bestas até hoje não descobriram o legítimo plano de salvação espiritual.

E os pacóvios, desprovidos de qualquer capacidade de análise, porque ignoram as Escrituras que deveriam se constituir em regra referencial à luz da qual se devem arguir toda as doutrinas religiosas, imergem no embalo sacode-sacode da traição à Verdade do Evangelho.

São esses os futuros pastores!

Pobres crentes fiéis! De número reduzido e em redução constante, os crentes verdadeiros, inflexivelmente fiéis à “sã doutrina”, rareiam tanto que já são tidos como fósseis de eras recuadíssimas ou trogloditas, constituindo-se em objeto de escárnio, porque hoje o bonito é ser apóstata.



É isso aí! A Verdade dura dos fatos! O atual movimento ecumênico institucionalizou a impostura em grandes áreas

evangélicas dispostas a imolar a Verdade do Evangelho no altar da traição.

**7**

## **O NEO-EVANGELISMO**

O prefixo grego “neo” quer dizer “novo”.

O Neo-Evangelismo ou Novo-Evangelismo, que de novo só tem o prefixo, é um método caracterizado pelo ecumenismo abrangente. Um ecumenismo negativo.

E explico!

O catolicismo é fruto de um ecumenismo sincretista positivo por haver incorporado as doutrinas e práticas das religiões pagãs. Por exemplo, o emprego do fogo na vela acesa, das contas do rosário, da água, da cruz, das imagens, da forma redonda da hóstia. O culto aos “santos” outra coisa não é senão o prolongamento dos antigos semideuses.

O ecumenismo negativo é o ajuntamento dos cristãos nominais de muitas denominações para o diálogo somente acerca de temas comuns aos credos das

pessoas reunidas.

Nada de se discutirem pontos divergentes para se evitarem as áreas de atrito.

Esta mentalidade é a do Neo-Evan-gelismo. Abrangente e inclusivista, diz-se interdenominacional ou indeno-minacional ao sabor ecumênico.

Supõem eles serem um escândalo perante o mundo as muitas divisões dos “cristãos”. Por isso, pelo menos para anunciar o “evangelho”, todos devem se aglutinar fingindo a idéia de entendimento e união.

Em compactas campanhas de evan- gelização juntam-se todos os grupos evangélicos da cidade ou da região sem se levarem em conta as divergências doutrinárias.

Aliás, o Neo-Evangelismo se salienta pela desconsideração da doutrina e acaba negando, como não podia ser diferente, a “sã doutrina”.

Mas estas campanhas interdeno- minacionais não são boas? Não objetivam anunciar o “Evangelho”? São perguntas do Possidônio.

Possidônio é o indivíduo de palavras ocas. Fala, fala e fala sem dizer nada. Assemelha-se ao político bisonho que presume salvar o país com a simples redução de despesas. É um simplório de soluções simplistas. E sempre vê tudo azul. É um otimista inveterado. O otimismo dele é o da ferocidade daquele rapaz que se atirou do décimo andar e, ao passar pelo oitavo, estava certo de encon- trar lá em baixo colchões de pluma ou ternos e tenros braços femininos que o amparassem.

O Possidônio considera uma “maravilha” as campanhas indenominacionais de evangelização, onde, sem quaisquer barreiras doutrinárias, prega-se o Evan- gelho da salvação e depois cada convertido escolhe a igreja, de acordo com as suas conveniências pessoais.

O Possidônio julga muito positivas essas campanhas porque, juntando-se os “crentes” de todas as denominações, o povo não pode mais se escandalizar

com as muitas seitas em que se dividem os protestantes. Admitir-se-á que as nossas diferenças são apenas acidentais, super

ficiais. E que todos estamos unidos nas doutrinas fundamentais.

Essas promoções, em que pese o entusiasmo do Possidônio e de todos os pacóvios, contudo, desmoralizam o Evangelho.

Em primeiro lugar, porque esvaziam o Evangelho do seu verdadeiro conteúdo. Retiram dele aspectos primordiais. O Evangelho abarca todas as coisas que Jesus Cristo ensinou, inclusive a Igreja, o batismo, a perseverança eterna dos salvos, a Divindade de Jesus.

Sim, senhores! Igreja não é assunto irrelevante como os neo-evangelistas alegam. Ela é tão importante, embora não necessária à salvação, que Jesus a fundou, e dela é a Cabeça e a Pedra Fundamental. Sua Noiva ser-lhe-á Esposa quando do Arrebatamento. Com todas estas qualificações podemos considerá-la irrelevante?

Ora, em campanhas evangelísticas juntam-se as denominações que têm conceitos diferentes e opostos (divergentes das Escrituras) acerca daquelas doutrinas importantíssimas do Evan-

gelho. E, para que ninguém se abespinhe, omite-se qualquer referência a elas.

O Neo-Evangelismo se norteia por uma craveira doutrinária muito rasteira e bem minguada.

O seu “evangelho” se reduz ao arrependimento e fé em Jesus Cristo, elementos estes também conceituados de uma forma elástica para atender os gostos dos participantes da cruzada evangelística. Arrependimento e fé indefinidos.

O pregador vê-se posto numa camisa de força e impossibilitado de definir à luz das Escrituras a fé verdadeiramente evangélica. Ele nem pode explicar o sentido exato da expiação. Se menciona o pecado, alude àqueles que

mais chocam a opinião pública, como ocorre hoje com o vício das drogas, flagelo da juventude. Mas ele não pode mencionar o pecado das mentiras religiosas.

É evidente não contarem semelhantes movimentos evangelísticos com a bênção de Deus porque, em sendo Deus a própria Verdade, há de ser cioso da Sua doutrina integral.

Por outro lado, esse “evangelho” do

neo-evangelismo é um “evangelho” pasteurizado, líquidificado, plastificado, miniaturizado. Incapaz de atingir o âmago do pecador e de levá-lo a Cristo. Pode até arranjar adeptos para o “cristianismo”. Aqueles adeptos semelhantes à isca de matéria plástica.

Nos Estados Unidos inventou-se agora a isca de matéria plástica, igualzinha, inclusive do mesmo cheiro, à isca verdadeira. O pescador coloca-a no anzol e o peixe, pensando que é minhoca, por exemplo, corre abocanhá-la. E nem tem o prazer de, pelo menos naqueles derradeiros instantes de sua vida, saborear o gosto da minhoca legítima. O “crente”-isca de matéria plástica só tem a fachada de crente. É só para fazer-de-conta...

As decisões havidas nestas corporações neo-evangelistas nem chegam a ser movidas pela emoção passageira. Faz-se tanta promoção do pregador, em geral muito bem vestido, bem falante, simpático, que, ao final de suas arengas, a massa quer apertar-lhe a mão.

Anos passados, estive no Rio de

Janeiro um famoso e fecundo palrador desse tipo de evangelismo. Sua campanha empoleirada nas máquinas dos prodigiosos meios de comunicação e calçada em concentrada pecúnia abalou meio mundo.

Lá na sua terra, nos Estados Unidos, entre as denominações evangélicas ele inclui o catolicismo. E as fichas dos católicos que lhe apertam a mão, à maneira de decisão, ele as encaminha para a paróquia do endereço fornecido.

A contragosto ele evita esse método quando vem ao Brasil, pela resistência que a isso lhe fazem.

Todavia, daquelas quinze mil decisões havidas lá no Maracanã quando aqui ele esteve da última vez, quais são os resultados? Procurem-nos nas igrejas!

Nenhum se encontrará. Talvez nem um adepto do “cristianismo”.

O pregador a que nos referimos é Billy Graham, já condecorado pelo “papa” como um dos destacados corifeus do ecumenismo, pois, na qualidade de neo-evangelista, suas campanhas estimulam sobremaneira os interesses do pontífice

romano.

Abrangente e ecumenista, o sr. Graham se encheu de entusiasmo com a visita de João Paulo II aos Estados Unidos e declarou à Revista Time:

“Nenhum outro homem no mundo hoje poderia atrair tanta atenção em se tratando de assuntos morais e espirituais como João Paulo. Ele está anunciando o que as igrejas católica e protestante têm tradicionalmente defendido, os valores morais dos Dez Mandamentos e do Sermão do Monte. O país está reagindo de maneira magnífica. Demonstra que há grande fome espiritual. O Papa alcançou milhões de protestantes. O movimento ecumênico organizado parece estar por trás disso e a ecumenicidade está agora agindo nos pontos onde católicos romanos e protestantes partilham das crenças em questões tais como o Nascimento Virginal e a Ressurreição de Cristo”.

Ele disse isto tudo na Revista Time do dia 15 de outubro de 1979. É só abri-la na página 27 e lá está este pronunciamento.

Por oportuno, desejo fazer quatro

curtas observações à palavra do sr. Graham. Desculpe-me ele a minha ousadia. Quem sou eu diante da sua fabulosa grana?

**PRIMEIRA:** Entre os valores morais porventura não se inclui o culto verdadeiro a Deus? O culto falso a Deus na sua forma específica de idolatria não está clara e categoricamente condenado pelos Mandamentos? E o sr. Graham não viu o crucifixo que o “papa” carrega? As “missas” por ele celebradas? Ou o sr. Graham já se esqueceu dos Mandamentos conforme se encontram registrados em Êxodo 20 e decorou os “mandamentos da lei de Deus” do catecismo católico? Deste catecismo que riscou exatamente o Preceito contra a idolatria?

**SEGUNDA:** Se “há grande fome espiritual” na sua terra, o que estão fazendo lá os evangélicos? Ele, o sr. Graham, o que está fazendo com a sua grande Associação de milhões e milhões de dólares?

**TERCEIRA:** As doutrinas que o catolicismo prega como verdadeiras, dando a entender que as aceita, ele as nega em

seguida ao exigir obras, o culto a Maria e aos “santos”, os “sacramentos” e tantas outras coisas para a salvação do pecador.

**QUARTA:** “O Papa (sic) alcançou milhões de protestantes”. Pois é! Ele foi aos Estados Unidos exatamente para isso. A fim de aglutinar sob o seu sistema os apóstatas.

Se a América do Norte já está como o segundo país mais católico do mundo, com os seus 53 milhões de romanistas, daqui a pouco, na marcha que vai, a sua maioria será de seguidores do Anticristo.

Aliás, os Estados Unidos são a prova provada da eficiência da atuação do clero e do rotundo fracasso do Neo-Evangelismo quanto à pregação do Verdadeiro Evangelho e, em contra- partida, do seu significativo triunfo em prol da apostasia.

Desejamos ainda fazer menção de outro método de atuação desse Neo-Evangelismo, coadjutor da apostasia, por estar agora em destaque com enormes prejuízos para as almas. São os programas de TV.

São autênticos “shows”. Verdadeiras “chacrinadas”. Há até um destes palradores cognominado “chacrinha batista”. Os seus pregadorastros apresentam um Jesus Cristo “superstar”, solucionador de problemas corriqueiros e inerentes às contingências terrenas.

Pose à procura de plateia, querem seus promotores ser simpáticos e angariar aplausos. Ambicionam popularidade como padrão de sucesso pessoal. Sentem-se, por isso, impossibilitados de alertar sua possível assistência quanto à necessidade do genuíno arrependimento também dos pecados de mentira religiosa e limitam sua conceituação de pecado aos vícios brutais e chocantes como os das drogas, do alcoolismo, dos assassinatos, dos assaltos.

Os pregadores do Neo-Evangelismo omitem quaisquer alusões ao pecado de falsa doutrina. No seu anelo de agradar seus ouvintes, jamais se referem à idolatria do culto das imagens.

E lá vem aquela estúpida desculpa: “Minha pregação é positiva; o ataque a doutrinas religiosas alheias é negativista.

Só prego o lado positivo do Evangelho. Basta anunciar que só Cristo salva e omite-se o lado negativo”.

Essa sistemática neo-evangelística, no entanto, não condiz com as Sagradas Escrituras e nem com o método de Jesus Cristo pregar. Abram-se as Páginas Santas. Leiam-se os Evangelhos. Lá encontramos ataques cerrados às falsificações doutrinárias.

Dá-nos Paulo Apóstolo exemplo de pregador ímpar por ser claro, afirmativo, terminante, definitivo, categórico, peremptório, explícito, objetivo. Sem rodeios e sem eufemismos é ele convincente. Por isso o seu ministério de dois anos em Éfeso levou a Palavra do Evangelho a todos os habitantes da Ásia.

O Neo-Evangelismo é pura fanfar-ronada. Sua mensagem eufemizada proferida pelos seus paroleiros de alma efeminizada torna anemizados os ouvintes.

E viva! O Anticristo, o grande beneficiário desse evangelismo ecume-nistizado dos imbecilizados neo-evan-gelistas. O seu sistema, a “mãe das

prostituições”, continua a se locupletar com o seu rendoso tráfico de almas humanas.

**8**

## **O “EVANGELHO” SOCIAL**

Preocupa-se ele, quer dizer, apregoa preocupar-se em melhorar o mundo no seu aspecto social e econômico.

Todos nós lastimamos a miséria material, a fome, o analfabetismo, as injustiças sociais deste mundo imerso em plena corrupção. Em irreversível corrupção.

Nenhum movimento, nenhuma organização, nenhum partido político, nenhuma sistemática de governo, nenhuma filosofia política e, muito menos, nenhum credo religioso conseguirá consertar este mundo.

E menos ainda a hierarquia romanista, que se diz a “consciência da sociedade”.

Nem a Igreja!!!

Nem o Evangelho!!!

É isso aí! Nem o Evangelho Verdadeiro



melhorará este mundo posto no maligno. Por ser absolutamente impossível o seu conserto ele será destruído. Ah!, não é novidade essa assertiva.

Contemplando as misérias deste mundo exorava o profeta Isaías ao Senhor: *“Com minha alma suspiro de noite pr Ti e, com o meu espírito dentro em mim, eu Te procuro diligentemente; porque, quando os Teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça. Ainda que se mostre favor ao perverso, nem por isso aprende a justiça; até na terra da retidão ele comete a iniquidade, e não atenta para a majestade do Senhor”* (Isaías 26.9-10).

Nestes vinte séculos de Cristianismo, o mundo tem ido de mal a pior.

Se os judeus se rebelaram contra Jesus, o Cristo de Deus, os cristãos nominais rejeitam o Evangelho também naquilo que ele tem de conduta para eles nesta terra.

O próprio Jesus Cristo expressamente nos revelou a incapacidade de o Evangelho transformar este mundo em que o mal se multiplicará em proporções

crescentes até atingir o auge da malignidade (Mateus 24.12).

Sabendo o crente evangélico estar próximo o Juízo de Deus sobre o mundo por haver-se corrompido em extremo, como poderá misturar-se com ele ou admitir a hipótese de melhorá-lo?

Destaca-se ainda a progressão, diríamos, geométrica, do mal no próprio seio da Cristandade, onde se acentua dia a dia a pavorosa decadência espiritual a culminar na apostasia geral (2ª Tes- salonicenses 2.9-12).

O próprio “evangelho” social é sintoma dessa decadência.

Se nem o Evangelho conserta este mundo por culpa, não do Evangelho, mas dos homens corrompidos em sua própria natureza e sempre pertinazes em sua teimosia contra o mesmo Evangelho, pergunto: Qual é o partido político ou a forma de governo capaz de endireitá-lo?

Karl Marx, no seu feroz ateísmo, dizia que a religião é o ópio do povo, por aliená-lo da busca de soluções para os seus problemas, por lhe prometer um paraíso de delícias *post mortem*.

Querendo provar a Marx que a religião não é mais o ópio do povo, por se preocupar agora com essas soluções, o clero progressista inventou a tal teologia da libertação ao sabor do falso “evangelho” social.

Esse clero festivo nem entende de libertação porque, escravizado a falsidades religiosas, se atreve a propalar soluções para os problemas sociais.

E nem tem autoridade moral para isso por ser o primeiro a espoliar os seus pobres fêmulos. Os jornais de hoje ainda noticiam a pressão que os três mil funcionários do Vaticano estão fazendo ao reivindicar mais justos ordenados porque o salário básico encontra-se congelado desde 1969 e os esporádicos e irrisórios adicionais são pagos com grande atraso (O GLOBO, 21/09/79).

A filosofia socialista de Karl Marx há mais de sessenta anos está, a ferro e fogo, implantada na Rússia. E o comunismo, porventura, solucionou os problemas econômico-sociais do povo russo? Solucionou-os em Cuba Fidel Castro? E na China de Mao-Tse-Tung?

Entrou ele todo embandeirado de festa em Portugal. Qual o resultado?

De há trinta ou mais anos, a filosofia socialista embebe a legislação trabalhista e previdenciária brasileira. Os nossos problemas sociais têm-se amenizado?

A terrível verdade é esta: o decantado socialismo é o maior e o mais desastroso fracasso do homem da era da técnica.

A Humanidade inteira deveria chegar junto dos túmulos de Marx, de Lenine, de Mao e na cara de Fidel Castro, de

Janos Kadar, de Soares e de todos os luminares socialistas e dar-lhes aquela tremenda vaia de sessenta anos seguidos correspondentes ao maior período de experiência comunista que é a imposta na Rússia.

E a democracia resolve esses problemas angustiantes? Nem ela! Nem o capitalismo!

Os senadores e deputados eleitos pelo povo podem fazer alguma coisa?

Semanas passadas, o Presidente João Batista Figueiredo veio de surpresa a São Paulo com o objetivo de verificar nas feiras livres e nos mercados os preços dos gêneros de primeira necessidade. Foi ao

CEASA. A televisão focalizou. Eu vi! Ninguém me contou! Eu vi! Na medida em que o Presidente ia passando, os feirantes retiravam a tabuleta do preço “para-inglês-ver” ou para o Presidente ver e colocavam outro de preço muito mais elevado.

Com o homem corrompido, qual o regime político capaz de melhorar esta terra?

Cada qual quer saber de si e o resto que se dane!

Há um senador que já foi até ministro do Trabalho em governo anterior. E, por inépcia, nada fez. Durante a vigência do seu mandato senatorial está calado. Nenhum projeto de valor, no sentido de tentar resolver um problema, sai de sua cachola. Nas raras vezes que abre o bico é para atacar ao governo. Em vésperas de eleição, todavia, despeja o seu retumbante palanfrório. E a massa feroz enche as urnas com votos em seu nome.

Esse senador, em passadas eleições municipais, se comprometeu a ajudar certo candidato a prefeito de um município onde se concentram muitas indústrias

e, por conseguinte, de respeitável arrecadação tributária, com a condição de, eleito, empregar o seu filho de vinte e poucos anos e incompetente. A satisfazer a condição, o novel

prefeito pendurou o garotão numa sinecura de 120 mil cruzeiros mensais ou correspondente a 50 salários mínimos por mês.

É a grande e amarga conclusão da História de todas as experiências sócio-políticas. O rei Nabucodonosor contemplou a política na forma de uma colossal e majestosa estátua cuja cabeça era de ouro e Daniel, o servo de Deus, contemplou-a na forma de feras.

Conquanto dolorosa, é a real conclusão: O mundo não tem conserto pelo poder dos homens. Em hipótese alguma, sob sistema político algum e ao bafejo de filosofia econômica alguma.

Em sendo, outrossim, qualquer dessas experiências sob a inspiração clerical, pior ainda porque a hierarquia romanista nem consegue gerir suas Universidades, sempre deficitárias apesar das altas subvenções governamentais e das elevadas mensalidades cobradas a seus alunos.

O Instituto Nacional de Previdência Social empenha-se nestes últimos meses por receber de muitas empresas em débito. Pois bem, a Universidade Católica de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, do bispado do sr. Ivo Lorscheider, o atual presidente da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil, ocupa, no Estado do Rio Grande do Sul, o primeiro lugar das empresas devedoras à Previdência Social (O ESTADO DE S. PAULO, 26/09/79).

Ela retém as contribuições dos seus professores e funcionários. Que autoridade moral têm esses “bispos” quando ditam normas de cunho social?

Só mesmo sendo por arte diabólica que alguém se desinteresse de ganhar almas para Cristo e, com a intenção de consertar este mundo, se baldeia para o “evangelho” social também do contexto da apostasia.

Só quem perdeu a visão do Verdadeiro Evangelho ou jamais a teve, embora se diga seu seguidor, pode se deixar fascinar por esse “evangelho” espúrio.

Um professor de seminário evangélico,

conhecido em seu grupo religioso pelos seus pendores avermelhados e pelo seu conteúdo intelectual de revista de história em quadrinhos, tem apresentado aos seus pobres alunos o cardeal de São Paulo, Evaristo Arns, como o modelo do cristão. Pobres alunos de semelhante seminário cuja direção fecha os olhos e faz ouvidos de mercador a declarações deste teor porque essa direção só pode ser também do estofa moral e intelectual do mestre insensato.

Nesse seminário ainda, até há bem pouco tempo, havia uma professora de música assecla do dito “evangelho”. Agora ela e seu marido, companheiro de socialismo, seguiram como missionários sustentados por nossas pobres igrejas para outro país. E também pobre país esse por receber tais “missionários”.

A jovem madame, a esbanjar os preciosos minutos da sua aula, ao invés de ensinar música, se destemperava a pregar aos seus alunos o tal de “evangelho” social e a ridicularizar as igrejas empenhadas em só falar da salvação eterna, quando é preciso primeiro resolver os problemas

desta terra, segundo ela, agravados pelo descaso dessas igrejas. Ridicularizava as nossas excelentes igrejas por se dedicarem à pregação do genuíno Evangelho e agora está sendo sustentada por essas mesmas igrejas, infelizmente, para não pregar Evangelho algum naquele outro país.

A sua denúncia contra as igrejas, contudo, se desmoralizava por se limitar ao seu palavreado vazio. E a sua conduta de seguidora do “evangelho” social, em absoluta contradição com as suas idiotas palavras, agrava os problemas sociais. Com efeito, ela, residente numa confortável casa daquele seminário, proibia os seus filhos pequenos brincarem com as crianças pretinhas filhas de seminaristas. A madame do “evangelho” social tem feroz preconceito de cor.

Lá em Belo Horizonte, encontrei outra de idêntico naipe. Ela esbravejava acerca do problema do menor desamparado. Só o “evangelho” social ou socialismo evangélico, de acordo com ela, pode solucioná-lo, bem como todos os demais. Sugeri-lhe, então, que adotasse

uma, duas, dez crianças abandonadas e as criasse. Assim poria em prática o seu “evangelho” social. A moça estrebuchou de raiva e, entupigaitada, fechou o bico.

Aliás, até hoje não encontrei nenhum sequaz do tal “evangelho” que fizesse alguma coisa pelos outros. Também nisto se nivelam aos comunistas e socialistas. E também ao clero! Só têm garganta!

Enfim, o “evangelho” social, que é burro e hipócrita, contribui em larga escala para a apostasia por incorrer em graves erros, dentre os quais desta- caremos os seguintes com o objetivo de advertir pessoas sinceras sujeitas às suas insídias:

1º) O “universalismo” que advoga serem filhos de Deus todos os homens, ímpios, ateus, negadores de Cristo, injustos para com o próximo. Se o “universalismo” estivesse com a razão, seria inútil o sacrifício de Cristo e o Evangelho seria uma “religião de açougue” como, aliás, os adeptos do “evangelho” social a consideram.

2º) O repúdio, em consequência, do seu relativismo teológico, das Sagradas

Escrituras, única fonte infalível da Revelação Divina.

3º) O desdém votado à Igreja instituída por Jesus Cristo nos moldes do Novo Testamento por querer, no seu insano “universalismo”, considerar toda a humanidade como Igreja de Cristo.

4º) A desconsideração do espírito do homem, que o faz pessoa humana.

5º) A substituição do evangelismo bíblico, classificado de “proselitismo”, pelo “ativismo revolucionário”, que quer a mudança das atuais estruturas sociais.

Sintonizado com a chamada “teologia da libertação” e com ela emparelhado, esse “evangelho” social leva os protestantes, seus seguidores, a se juntarem na promoção da hierarquia romanista, responsável pelo incremento da apostasia.

Se já de si o “evangelho” social é apóstata, com essa aproximação, ainda mais enaltece a apostasia.

## 9

# O PENTECOSTISMO

É o quarto movimento a incrementar a apostasia nos redutos da Cristandade.

Facilita-lhe a atuação a sua afinidade com o catolicismo, que se manifesta, sobretudo, nos seguintes pontos de contato:

- \* a recusa da perseverança dos salvos;
- \* a diferença de pecados quanto à sua gravidade;
- \* a negação prática das Sagradas Escrituras como única regra de fê;
- \* a indefinição da forma de batismo;
- \* o exercício de obras de feitiçaria.

Analisemos cada um desses cinco pontos e atingiremos a conclusão evidente relativa ao notável contributo dos pentecostais ao Anticristo, através do incremento da apostasia.

- 1) O pentecostismo ensina a possibilidade de o crente evangélico vir a se perder caso incorra em determinados PE

cados. “Caiu da graça” é a expressão no meio deles em voga quando tratam desse assunto.

Ora, se a minha salvação depende da minha fidelidade ao não-pecar, significa que a salvação se subordina às minhas obras. E estas condicionam aquelas. E nisso consiste justamente a tese fundamental do catolicismo. Por oportuno, sugiro a leitura do livro **SERÁ QUE O CRENTE PODE PERDER A SALVAÇÃO?**, também de minha autoria, em cujos capítulos alinho uma série de consistentes argumentos sobre a perseverança do salvo e, em sua terceira parte, respondo objeções infundadas dos pentecostais no tocante à matéria.

- 2) Em decorrência dessa tese do risco da perda da salvação: pecou, caiu da graça!, como dizem eles, o pentecostismo também, ao sabor da teologia católica, cataloga pecados em graves e leves. Isto é, se o crente praticar certos pecados incorre na perda da salvação. Há, contudo, outros tipos de pecados, os leves, que não causam tamanha desgraça.

É como o catolicismo na sua diferenciação, destituída de qualquer base bíblica, de pecados mortais e pecados veniais.

No conceito pentecostista, se a mulher crente cortar o cabelo, manicurar-se, passar batom nos lábios, usar calça esporte; se o rapaz deixar crescer o cabelo; se o crente se prostituir ou praticar adultério; se, por qualquer razão, for excluído da igreja, então ele perde a salvação.



Agora, se praticar outros pecados, os veniais, como a mentira, a gula, a preguiça, a maledicência, então não a perde.

Em parte alguma das Escrituras encontra-se essa distinção entre pecados graves e leves e nem uma lista daqueles que, se cometidos, retiram a salvação ou levam a pessoa a cair da graça.

Se fosse como querem eles, toda e qualquer falta moral deveria provocar a mesma tragédia porque todo e qualquer pecado, desde a mentira, ofende gravemente a Deus, santidade infinita.

2) A crença pentecostal em atuais

3) profecias leva os seus fiéis a reduzirem o valor das Sagradas Escrituras, nivelando os seus profetas aos legítimos profetas bíblicos. Ou até mesmo valorizando mais aqueles do que estes. Em consequência disto, muitos pentecostais nem cuidam mais de ler a Bíblia porque o Espírito Santo, segundo afirmam, lhes fala diretamente. Outros alegam que a letra das Escrituras mata e o Espírito das suas profecias vivifica.

4) Pregando recentemente em Petrópolis, fui visitado por um cidadão, advogado, alto funcionário público federal, portanto homem “esclarecido”. Afastou-se de sua antiga denominação e se baldeou para um grupo “renovado”. Contou-me suas experiências mirabolantes, inclusive a das seguidas aparições de Jesus Cristo com quem ele conversa face a face. Perguntei-lhe se lia a Bíblia. Sua resposta foi pela negativa porque, segundo ele me informou, não tem muito tempo a dedicar a esse exercício, embora empregue as suas horas de lazer e de sono noturno às reuniões de oração de estilo carismático. Sem se alimentar da Palavra de

- 5) Deus, que consistência poderá ter semelhante vida espiritual, se a isso se pode chamar de vida espiritual?
- 6) Certa moça de nível universitário, numa das capitais do Nordeste brasileiro, dirige um Instituto Bíblico. Relatou-me um dos seus sonhos reveladores. Havia lá na sua escola um professor em cujas aulas apresentava ensinamentos estranhos à direção da escola. Queixavam-se os alunos de certas declarações suas como quando, certo dia, ao sabor modernista, ele negara o evento da ressurreição corporal de Jesus Cristo.
- 7) Nenhuma providência se dispunha ela a adotar. “Que o professor se a viesse com Deus, porque cada um dará contas de si”, pensava a diretora, que não queria incômodo.
- 8) Numa noite sonhou. Revelara-lhe o Senhor a Sua vontade quanto ao professor de tendências esquisitas. A moça sonhara vendo-o lecionar. Enquanto discorria sobre a sua matéria, veio, sem se anunciar, um enorme urubu. Revolteou pela sala. Contemplou os alunos e o ambiente. E pousou sobre a cabeça do mestre.

A moça diretora não teve dúvidas no tocante à mensagem celeste do sonho. Com ele o Senhor lhe revelara que deveria dispensar o professor.

Veja-se o dislate! Se eu tenho as Sagradas Escrituras e as conheço, sei perfeitamente distinguir o erro da Verdade em assunto religioso. Sei avaliar os pronunciamentos do modernista e, se ocupo um cargo de responsabilidade na direção de um instituto teológico, devo tomar as medidas consentâneas. Dispensar as particulares revelações em sonhos porque o próprio Deus as dispensa de mas mandar desde que a Sua completa Revelação se encontra nas benditas Escrituras.

Esta valorização de profecias e sonhos entre os pentecostais leva-os a marginalizar a Bíblia. Admitem os seus profetas e os seus sonhos como fontes de revelação religiosa ao lado das Escrituras ou até mais importantes do que elas, como o catolicismo considera a sua tradição e o magistério do seu “sumo pontífice”.

4º) No tocante ao batismo, conquanto alguns ainda admitem a imersão, dei

xam, contudo, a critério do candidato a forma do seu próprio batismo e, se recebem alguém oriundo de uma denominação aspersionista, não lhe exigem a imersão.

Eles não têm uma convicção formada acerca do batismo precisamente em decorrência de sua falta de convicção relacionada com a perseverança do salvo.

5º) Sua sintonia com o catolicismo se estende, é lógico, às práticas de feitiçaria por atribuírem a objetos materiais e a certos gestos um especial poder sobrenatural, como ao copo de água posto sobre o rádio ou à mão nele encostada durante a oração nos seus programas de cura.

Têm os pentecostais inclusive as suas novenas ao gosto das devoções católicas. Se a pessoa freqüentar nove quartas-feiras ou quintas-feiras o “culto de poder” ou o “culto da bênção”, receberá o prodígio pedido.

É evidente a conseqüência! Com esses e mais pontos de contato, os pentecostais se deixam levar, via de regra, por grande simpatia para com o catolicismo.

E, ao penetrarem com as suas mirabolantes promessas de “poder do alto”, de cura e prodígios, nas legítimas denominações evangélicas, facilitam o desencaminhamento dos menos avisados para a apostasia.

Todos os crentes evangélicos aspiram crescimento espiritual. Nenhum – quando se trata do verdadeiro crente! – nenhum se satisfaz em viver na anemia espiritual.

Muitos desses irmãos, induzidos pela falsa aparência de elevada espiritualidade ou especial poder dos pentecostais, entre os quais incluem-se os chamados “renovados”, aceitam ser tristemente ludibriados e passam a frequentar certas reuniões de oração.

Aos poucos são enleados pelas suas práticas religiosas e lhes acontecem logo de início duas desgraças: as vacilações quanto à “boa doutrina” da perseverança final dos salvos e a simpatia, em nome de um falso amor, do catolicismo.

O clero romanista é além de astuto e matreiro. É a organização mais bem organizada do mundo. Diabolicamente inteligente, sabe o que quer.

Tem ele objetivos muito bem definidos. Em sua união compacta sob as ordens do seu soberano chefe, sabe selecionar os meios conducentes aos seus objetivos e os ativa com rara sagacidade. Nenhum poder político resiste aos ataques insidiosos e superpotentes do clero, repita-se, a maior e mais bem montada organização do mundo.

Os próprios Estados Unidos estão, quais sabujos, se agachando diante dele, cedendo-lhe até verbas dos cofres públicos para suas solenidades litúrgicas, como quando da recente visita de João Paulo II, coisa jamais feita a qualquer outro grupo religioso.

O método violento das fogueiras e das masmorras da “santa” Inquisição, dada a nova atmosfera do mundo, se tornara inexecutável na repressão do surto evangélico.

O que fazer para coibi-lo?

Se, de um lado, o ecumenismo rende-lhe imensuráveis lucros, seria necessário, de outro, apressar a colheita de resultados. E esta colheita seria muito mais farta e rápida se dispusesse do concurso

dos pentecostais dotados de mais fácil penetração nas áreas evangélicas.

Dispensou-se o clero de engendrar novos truques. Recorreu às velhas experiências carismáticas da Idade Média às quais deu apenas nomes novos e correspondentes ao figurino pentecostalista. Criou na própria América do Norte, precisamente na sua Universidade de Notre Dame sob a administração dos jesuítas – logo dos jesuítas!!! – o movimento dos católicos pentecostais, examinado em meu livro CATÓLICOS PENTECOS- TAIS? ESSA NÃO!!!

Todas as manifestações verificadas nas reuniões dos pentecostais “evangélicos” se repetem nas dos pentecostais católicos.

Em parte algumas das Sagradas Escrituras vemos anunciado como um dos sinais da Vinda gloriosa de Jesus o sobrevir de um reavivamento espiritual. Ao contrário, o grande e inconfundível sinal é o da APOSTASIA, em extremo oposto ao reafervoramento.

Ao adotarem uma infundada espe- rança de intenso reavivamento nos der

radeiros instantes desta Dispensação da Igreja, baseiam-se eles em Joel 2.28-29: *“E acontecerá depois que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o Meu Espírito naqueles dias”*.

Não tem sentido algum a citação desse texto como base para a inclusão de um extraordinário derramamento do Espírito Santo entre os últimos acontecimentos precursores da Volta de Cristo. Essa profecia de Joel se cumpriu por inteiro no dia de Pentecostes (Atos 2.16-21). Aliás, é muito perigoso retirar-se um versículo das Escrituras e, sobre ele, assim isolado, desejar se construir uma doutrina. Ao invés de reafervoramento espi- ritual entre os evangélicos, a apostasia se realça dentre os “sinais”.

Pois bem, os pentecostistas anunciam e dizem já ocorrer esse reavivamento com um intenso derramar do Espírito Santo sobre toda a carne.

Destacam a palavra “TODA” por considerarem a incidência desse espargir sobre todas as pessoas, independente de fronteiras denominacionais.

Das reuniões dos católicos carismáticos, hoje já espalhadas pelo mundo todo, vazam as notícias de fabulosas experiências motivadas pelo “batismo com o Espírito Santo”: línguas estranhas, curas prodigiosas, profecias... É o Espírito Santo, cujo ministério não se limita aos círculos acanhados de grupos, mas a se repartir em carismas espetaculares também entre os católicos romanos. Eis a conclusão dos pentecostais, felizes por aí estar o profetizado reavivamento.

Ora, se os pentecostistas, no aspecto doutrinário, têm tantos pontos de contato com os católicos, é facilíma a aceitação dessas experiências católicas. Sem um critério sólido de avaliação fundamentado nas Sagradas Escrituras, como única regra de fé e prática religiosa, aceitam-se essas ocorrências como legítimas e concordes com a conceituação pentecostalista.

Embora o católico carismático se

reafervore na idolatria e, de modo particular, na mariolatria, na eucaristolatria e na hierarquiolatria, tendo lá os seus tremeliques do sistema pentecostista, pronto!, está “batizado com o Espírito Santo”.

Não interessa ao pentecostismo a ausência da genuína conversão evangélica que, aliás, ele também não tem. Mas, em se caracterizando por essas experiências carismáticas oriundas de emoções exacerbadas e psicopatas ou de mistificação, aceita idólatras como ungidos por especiais poderes do Espírito Santo, se passaram pelas experiências similares às suas.

Se o pentecostismo fosse a Verdade, melhor seria rasgar a Bíblia por imprestável e falsa. Graças a Deus, contudo, por ser ela a Sua Palavra santa, infalível e inerrante. Em seus livros, ela condena com inexcedível rigor a idolatria, sobretudo em sua forma de culto FALSO a Deus, que é o prestado por meio de imagens.

As experiências carismáticas no Ca

tolocismo são obra de Satanás. Os pentecostais as aceitam e as aplaudem. Por conseguinte, aceitam e aplaudem, porque eles próprios praticam a obra de Satanás.

O movimento pentecostal é o trabalho mais diabólico no seio das massas a confundir as mentes e a produzir em favor da apostasia.

A bem da Verdade, outrossim, deve-se frisar o apoio franco e ostensivo dos “bispos” ao pentecostalismo católico. Nesta era da desinformação total, apesar da imprensa escrita e falada de amplas proporções, muitas pessoas, desinformadas, supõem ser clandestino o movimento carismático nos meios católicos, suposição esta contrária à realidade dos fatos e da anuência do “episcopado” a seu favor.

Tornou-se ele lá nos Estados Unidos na maior linha auxiliar para o extraordinário surto do catolicismo. Em poucos anos, a religião idólatra do “papa” dobrou de adeptos e já é seguida por um quarto dos norte-americanos, sendo, outrossim, o maior grupo religioso daquela nação. Em sendo a mais perfeita organização também nos Estados Unidos, consegue já manipular a política do país e cria sérios

e graves embaraços à administração financeira de certos municípios, como o da própria capital, Washington, de erário combalido pelo grande número de imóveis de propriedade clerical isentos de tributos.

O catolicismo, a “*mãe das feitiçarias*”, está tomando de assalto a grande nação norte-americana graças à colaboração decisiva da quinta-coluna do pentecostismo.

Aqui no Brasil, esta linha auxiliar do catolicismo, sobretudo nos grandes centros, vem dificultando enormemente o trabalho do Evangelho.

Há um indivíduo calçado de substancial pecúnia criador, diretor responsável e apresentador de um programa religioso-pentecostal numa rede de televisão. Intitula-se ele “bispo”. É o “bispo” fulano de tal. Em tudo quer se assemelhar a um hierarca romanista. E, nesse desejo, precede a sua assinatura com a cruzinha, à moda dos “bispos” católicos.

Trata-se de um excelente demagogo. A diabolicidade de sua atuação está em confundir os evangélicos simples e em prestigiar o catolicismo.

Em seus programas relata “maravilhosas” experiências para enaltecer o

Espírito Santo, que também está “batizando” católicos idólatras.

Assim informados, os evangélicos, iludidos pelas promessas dos pentecostais, perdem o entusiasmo por evangelizá-los. Por que evangelizá-los se são os nossos irmãos em Cristo, com a possibilidade de também receberem dons especiais do Espírito Santo?

Nunca a “*mãe das prostituições*” recebeu tão avultada contribuição para o seu extraordinário desenvolvimento.

Quando do Concílio Ecumênico Vaticano II, encerrado em fins de 1965, muitos menos avisados supunham enormes rombos na barca do “papa” em consequência do espanto dos católicos com certas mudanças havidas em suas práticas devocionais. Imaginavam o catolicismo agonizante.

Esse Concílio, porém, foi de incomum sabedoria infernal. Inspirado por Satanás, soube levar a seita papista a se adaptar rapidamente às novas circunstâncias e às atuais conjunturas sociais, econômicas, políticas e religiosas do mundo.

Aqueles balanços do fim do Concílio, ao invés de terem sido provocados por imaginados vagalhões de violenta tempestade



tade ameaçadora de soçobrá-lo, foram apenas passageiros estremecimentos no processo de sua acomodação ou “*aggiornamento*”, aos quadros deste nosso conturbado mundo.

Aliás, o catolicismo sempre soube se adaptar às sucessivas circunstâncias das sociedades e, por isso, sempre se mantém forte e a cavaleiro de todas as refregas.

Nestas últimas décadas causava-lhe apreensões o alastramento do Evangelho. Sentiu-se premido a adotar medidas consentâneas com a atual mentalidade. Ao invés de gastar os seus próprios recursos, com habilidade extraordinária, decidiu usar os recursos dos próprios adversários: o ecumenismo criado no início deste século nos redutos protestantes e as práticas pentecostais. Aplica em nossos dias a antiga tática empregada em seus primórdios nos séculos IV e V, quando absorveu as práticas religiosas do paganismo dos povos bárbaros.

Hoje, enfunada pela apostasia generalizada, a religião do “papa”, o Anticristo, realiza proezas e se impõe cada vez mais numa ascensão jamais esperada, a caminho do desfecho final dos acontecimentos escatológicos anunciados pela

Palavra de Deus.

A Babel-Roma, “*mãe das prostituições*”, crescerá com a contribuição valiosa do ecumenismo, do neo-evangelismo, do “evangelho” social e do pentecostismo, até alcançar o máximo no cumprimento da sua missão do seu “pontífice”, do “mistério da iniquidade”.

Em quando estiver na enfiesta de sua conquistas, Deus nosso Senhor a chamará a juízo. Os próprios reis da terra, simbolizados por aqueles dez cornos alegóricos de Apocalipse (17.3, 7, 16) contra ela se levantarão. Odiá-la-ão. Torná-la-ão desolada e nua. Devorar-lhe-ão as carnes e queimá-la-ão (Apocalipse 17.6).

Os “tempos do fim” são chegados! A apostasia não terá jamais cura. Ao invés de remédio para a apostasia, Deus reserva severo julgamento.

Sobre esta pesarão os castigos do Senhor. Sua santa ira se abaterá sobre todos quantos a aceitaram e a incrementaram. Sobre todos os que colaboraram com o “papa”, o Anticristo, o iníquo cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás com todo o poder e sinais e prodígios de mentira (2ª Tessalonicenses 2.9).

Nestes “tempos do fim” Deus envia

aos cooperadores da apostasia a operação do erro, inclusive a das experiências “carismáticas” para que creiam na mentira dos dogmas católicos a fim de serem julgados junto com a “mestra das feitiçarias” e lançados no lago de fogo que arde com enxofre.

**10**

## **“ACAUTELAI-VOS”**

É a ordem de Jesus. Categórica! Expressa! Ineludível!

Determinou-nos cautela não em relação aos outros sinais da Sua volta.

Não nos aconselhou a construção de celeiros que armazenem cereais para o tempo da fome. Nem de edifícios de solidíssima estrutura para os terremotos. Nem de abrigos

superblindados para os ataques das guerras. Nem nos sugeriu miríficas e super-imunizantes vacinas para as pestes. Nem sagacidade na defesa das perseguições.

Ordenou-nos, sim, cautela para com a apostasia.

Cautela é aquele cuidado para se evitar o mal. É precaução diante do perigo. É prudência. Prevenção.

Acautela-se quem é prudente.

Deus nosso Senhor é misericordioso à toda prova! Além de nos determinar

cautela, orienta-nos de como e em que circunstâncias devemos acautelar-nos.

O “ACAUTELAI-VOS” de Jesus não é um mero conselho ou uma simples sugestão. É um Seu mandamento.

É um dos Seus imperativos categóricos e insofismáveis.

“ACAUTELAI-VOS” está no modo imperativo do verbo.

Diante dessa determinação de nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo, não há titubeios, discussões, “diálogo”.

Cabe-nos aceitá-la sem quaisquer subterfúgios. Submetermo-nos a ela com prontidão. A menos que estejamos também envolvidos pela apostasia e, a aplaudi-la, a serviço dela.

Para que não nos enganemos (*“vede que não sejais enganados”* – Lucas 21.8), Jesus exige cautela (Mateus 24.4; Marcos 13.5; Lucas 21.8).

Exige obediência e, por ser misericordioso esclarece-nos para, com consciência esclarecida, submetermo-nos a Ele: *“Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito”* (Marcos 13.23).

descer fogo do céu à terra para enganar os homens (Apocalipse 13.13-14).

À extensão das Sagradas Escrituras encontro cinco fases importantes e salientes de grande incidência ou multiplicação de prodígios:

\* ao tempo de Moisés e de Josué, quando da libertação do povo de Israel

da escravidão egípcia e sua conquista de Canaã;

\* ao tempo de Elias e Eliseu, quando o culto a Baal se impunha pela feroz rainha Jezabel;

\* na época do cativeiro babilônico, quando Deus se serviu da instrumentalidade de Daniel;

\* nos tempos do Cristianismo primitivo, como prova da Messianidade de nosso Senhor Jesus Cristo e da Veracidade do Evangelho;

\* e nesta oportunidade da próxima preparação para a Vinda de Jesus Cristo e durante a Grande Tribulação.

Entre esta última fase e as quatro anteriores, contudo, há uma diferença abismal.

Nas quatro passadas, os maravilhosos prodígios procediam de Deus. Nesta fase do fim, são feitos por eficácia de Satanás (2ª Tessalonicenses 2.9; Mateus 7.15-23) a contrariar os infundados vaticínios do pentecostismo no tocante a um reavivamento assinalado de espetaculares milagres.

Tudo isto que ocorre por aí em matéria de maravilhas é mistificação ou tramóia do diabo.

O Senhor Jesus, com clareza absoluta, ao nos impor precaução, diz: “*NÃO ACREDITEIS*”.

Não se deve acreditar, embora pareçam esses sinais e prodígios de grandeza comprovada.

Por permissão divina poderão acontecer para se constituírem num teste ou prova de nossa fidelidade a Deus.

Quando a nação de Israel, às portas de Canaã, se preparava para a posse da Terra Prometida, Moisés, em Nome do Senhor Deus, estabeleceu um infalível critério de discernimento dos prodígios.

Se estes, embora espetaculares, induzirem à idolatria ou à falsidade religiosa, merecem total desprezo: “*Quando profeta*

*ou sonhador se levantar no meio de ti, e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, e disser: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador; porquanto o*

*Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amas o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, e de toda a vossa alma” (Deuteronômio 13.1-3).*

Aliás, os verdadeiros crentes, os escolhidos, jamais se deixarão engodar por estes sinais. O Mestre no-lo afirma: *“Para enganar, SE POSSÍVEL, os próprios eleitos” (Mateus 24.24).*

Os salvos, evidentemente, não se deixam iludir. Isto é absolutamente certo.

Portanto, as pessoas que se deixam enganar pela onda pentecostista, grande sustentáculo do desenvolvimento da idolatria, as pessoas que se permitem embair, de fato, à luz da clara palavra de Jesus, não são salvas. São crentes evangélicos nominais.

A fidelidade do salvo deve ser em todos os sentidos. No da contribuição à sua igreja. No da assiduidade aos programas e aos cultos por ela promovidos. No da sua retilínea conduta. No da oração. No da leitura da Bíblia. No do cumprimento dos seus deveres de Estado e de trabalho secular. No da comunhão com Deus.

A principal fidelidade, todavia, deve ser quanto à “SÃ DOCTRINA”.

Nesta lealdade, o crente há de ser inflexível. Sem tergiversações. Sem contemporações diante de qualquer desafio. *“Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1ª João 4.1).*

Se já ao tempo de João, naqueles primórdios do Cristianismo, proliferavam os palradores de falsos ensinamentos,

qual não será a cópia deles agora neste fim da Dispensação da Igreja com o avolumar espantoso da apostasia?

Só uma radical lealdade à Palavra de Deus nos conservará fiéis à Verdade.

A imensa luta do impertérito Paulo Apóstolo se caracterizou por esta inflexibilidade de convicção perante a “SÃ DOUTRINA”.

Se a apostasia é o abandono da DOUTRINA, o crente, por nada deste mundo, há de se encurvar diante dos seus desvios e de suas adulterações.

Crendo com indobrável firmeza na “BOA DOUTRINA”, não acredita, em hipótese alguma, nesses “grandes sinais e prodígios”. Neles não crerá nem se se der a contingência de se ver gravemente enfermo porque, acima de tudo e à custa de todos os sacrifícios e renúncias, está a sua lealdade impostergável na sustentação intransigente, radical, da “SÃ DOUTRINA”.

## **SEGUNDA:**

### **“Não os sigais” (Lucas 21.8)**

Na Dispensação do Antigo Testamento, Deus exigia de Seu povo separação dos seguidores dos deuses estranhos, com os quais proibia-lhes qualquer acordo (Deuteronômio 7.1-6, 16). Na economia da Igreja, aprofunda-se a separação e restringem-se os seus limites.

Paulo Apóstolo rememora a antiga norma: *“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto, que sociedade pode haver entre a justiça e a*

*iniquidade? Ou que comunhão da luz com as trevas?”* (2ª Coríntios 6.14).

As exigências neotestamentárias da separação, contudo, são estendidas aos supostos irmãos, aos cognominados evangélicos hereges ou apóstatas: *“Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros: refiro-me com isto não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo”* (1ª Coríntios 5.9-10).

Na Escritura anterior, o Apóstolo veta a sociedade ou pacto. Aqui se trata de simples comunicação, como nas transações comerciais de compra e venda.

Se aquela sociedade é proibida, esta comunicação não pode ser evitada. A compreensão da diferença entre sociedade e comunicação é questão de bom senso.

Paulo Apóstolo, porém, prossegue e completa o seu pensamento: *“Mas agora vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal*

*nem ainda comais”* (1ª Coríntios 5.11).

Fala-se tanto em amor, em união, em entendimento entre os homens. A apregoada fraternidade, segundo seus palradores, deve superar todas as barreiras. Em sua busca é preciso ver só o que cada um tem de bom, de positivo, e as idéias de cada um.

Por influência perniciosa do ecumenismo propôs-se o “diálogo” nos encontros de adeptos das religiões nele interessados.

Se o grande objetivo é o da paz entre os homens, a harmonia entre todas as religiões, há de, nessas reuniões, a contrariar a orientação de Paulo, se dialogar somente sobre o grande objetivo e sobre os pontos nos quais todos concordam.

Os evangélicos acalentam o ideal de evangelizar. Supõem alguns, como o nosso amigo Possidônio, serem de enorme eficiência as chamadas campanhas evangelísticas de massa. Então, todos se reúnem nesse propósito, abstraindo-se das doutrinas divergentes.

Tudo pode parecer muito belo. Será, todavia, de acordo com a vontade de Deus? Será, outrossim, prático? De fato, produzir-se-ão os resultados colimados?

Ou tudo não passa de pura carnalidade? De rebelião à vontade de Deus? De hipocrisia? De promoção de indivíduos?

Nosso Senhor Jesus Cristo derrubou a parede de separação entre hebreus e gentios (Efésios 2.13-22). Para Ele, diante do Evangelho e da oportunidade de aceitá-lo, é inadmissível a adoção de quaisquer preconceitos. De raça, de cor, de nacionalidade, de cultura, de posição social. Em Jesus Cristo todos os Seus verdadeiros discípulos são um, sem quaisquer barreiras (João 17.20-23).

Realce-se a expressão: SEUS VERDADEIROS DISCÍPULOS, com ênfase acentuada no adjetivo VERDADEIROS.

Nessa contextura de unidade cristã, não há lugar para o FALSO DISCÍPULO: *“Aquele que, DIZENDO-SE IRMÃO...”*

Diz-se irmão, mas não o é... *“Com esse tal, nem sequer comais”*.

*“Não os sigais”*, embora se apresentem eles credenciados com fantásticos prodígios.

*“Afastai-vos deles”*, determina o Apóstolo inspirado: *“Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes: afastai-vos deles, porque esses tais não servem a Cristo nosso Senhor e, sim, a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam os corações dos incautos”* (Romanos 16.17-18).

*“Que vos aparteis”*, insiste Paulo. *“Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente, e não segundo a tradição (= doutrina) que de nós recebestes... Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola,*



*notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado” (2ª Tessalonicenses 3.6, 14).*

João, privilegiado por haver, na última ceia pascal, reclinado sua frente sobre o coração de Jesus (João 13.25), é reputado o apóstolo do amor. E, na qua

lidade de discípulo do amor a quem Jesus amava (João 13.23), no entanto, exigindo separação, escreveu: *“Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas” (2ª João 9-10).*

## **TERCEIRA:**

### **“Não vos deixeis envolver” (Hebreus 13.9)**

Não basta esquivar-se de ir. Também é preciso que não nos deixemos levar. Levar na onda.

Os costumes são variáveis. A aplicação dos preconceitos morais de comportamento se sujeita a circunstâncias.

A doutrina, que se correlaciona com a Verdade, porém, é inflexível. Fixa. Inamalgável. Inalterável.

Jesus Cristo é *“o Alfa e o Ômega... Aquele que é, que era e que há de vir, o*

*Todo-Poderoso” (Apocalipse 1.8).*

E, porque Ele *“ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre. Não vos deixeis envolver por doutrinas várias e estranhas” (Hebreus 13.9),* lembra-nos a Palavra de Deus.

Por ser imutável, o Seu ensino é inabalável. Impossível ir além dele. Quem for por lhe acrescentar algo, não tem a Cristo e não tem a Deus (2ª João 9).

As Sagradas Escrituras são a única regra de fé. Se, pois, o seu Velho Testamento se cumpre em o Novo Testamento,

neste encontra-se o ensino de Cristo, e somente a ele devemos aceitar e nele crer, recusando outras fontes de Revelação.

*“Que sejam sadios na fé, e não se ocupem com fábulas judaicas, nem com mandamentos de homens desviados da verdade”* (Tito 1.14), deve se constituir em nossa decisão de fidelidade.

As filosofias são transitórias e modismos de cada época. Suas vãs sutilezas, conquanto se apresentem na roupagem de uma nomenclatura rebuscada à semelhança da utópica e falsa teologia da libertação, são incapazes de saciar a in-

teligência humana.

Por isso, mais do que nunca, são oportunas as advertências do Apóstolo: *“Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, e não segundo Cristo”* (Colossenses 2.8).

## **QUARTA:**

### **“Estai vós de sobreaviso” (Marcos 13.9)**

Reduzem-se essas palavras de Jesus a um conselho de egoísmo? Teria Ele querido dizer que cada um olhasse para si mesmo, deixando os outros de lado? Estaria ele endossando aquele ditado interesseiro em voga: “Cada um pra si e Deus pra todos”?

Em absoluto!

Seu conselho move-nos à resistência diante das cruéis perseguições dos derradeiros tempos. *“Vos entregarão aos tribunais e às sinagogas (aos tribunais religiosos)... Sereis açoitados e vos farão comparecer à presença de governadores*

*e reis, por Minha causa, para lhes servir de testemunho... Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores, e os matarão.*

*Sereis odiados de todos por causa do Meu Nome*” (Marcos 13.9-13).

“*Não os temais*”, é o incentivo de Jesus em Mateus 10.26, porque está chegando aquela hora por Ele prevista, quando quem matar um discípulo fiel “*julgará com isto tributar culto a Deus*” (João 16.2).

Se em todos os tempos o sofrimento corrente de nossa fidelidade aos ensinamentos de Jesus é uma fonte inesgotável de bem-aventurança (Mateus 5.11-12), muito mais o é nesta fase final da História.

A capacidade de sofrer as contradições, as execrações e os desprezos da parte dos apóstatas é o termômetro de nossa fidelidade à “sã doutrina”. Concretiza-se em nós a palavra de Paulo Apóstolo em 2ª Timóteo 3.12: “*Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos*”.

Chegamos já no momento da prova!

Se, ao longo da História, a apostasia sempre se aliou à sanha da perseguição, agora, ao se consumarem os marcantes indícios precursores da Volta de Jesus, na medida em que a apostasia se intensifica, com ela se alastra a perseguição aos crentes verdadeiros.

A todos abraçam os pentecostais, até aos católicos idólatras. Aos crentes leais à “boa doutrina” votam desprezo e os consideram “carnais” por lhes recusarem as mistificações e as crises psicopáticas.

De todos se cercam os ecumenistas e a todos procuram os neo-evangelistas. Dos fiéis à Verdade Integral rejeitam a companhia e com eles se negam “dialogar” por saberem que sua conduta de parceria com o mal é reprovada pela Palavra de Deus.

As igrejas minadas de ecumenismo, de modernismo, de mundanismo conduzidas (?) por “pastores” que, de pastor só têm o avental, recusam o púlpito ao pregador cômico de sua responsabilidade para com a Palavra da Verdade.

(Mas, e pastor usa avental? É claro

que não! Então, esses “pastores” de pastor nada têm!).

Dentro da sua própria igreja, quando contaminada pelo vírus da apostasia que se manifesta de variadas formas como a do ecumenismo, a do neo-evangelismo, a do “evangelho” social e a do pentecostismo, dentro de sua própria igreja, o crente fiel padece o vilipêndio, o isolamento, a desconsideração, a marginalização.

Para os apóstatas, ele é o obsoleto, o superado, o bitolado, o quadrado, o velho, o troglodita, o radical, “carnal”, sem-amor, inimigo da paz. É o intransigente, o fora-de-época, o reacionário...

Louvido seja o Senhor, nobre irmão, se for esta a sua situação. Não tema o que você há de padecer (Apocalipse 2.10).

E estranhar porquê? Se o mundo que está dentro da sua igreja o aborrece, saiba que primeiro do que ao irmão, ele aborrece o Mestre.

Se o caríssimo irmão fosse do mundo, do ecumenismo, do “evangelho” social, do mundo do pentecostismo, do mundo do neo-evangelismo, do mundo do

comodismo, do mundo da apostasia, esse mundo o amaria. Apreciá-lo-ia! (João 15.18-21).

## **QUINTA:**

### **“Erguei as vossas cabeças”**

#### **(Lucas 21.28)**

Por que erguer as cabeças? Para olhar a miséria, a fome, as pestes, as desgraças que se alastram pela terra?

Para olhar os aviões carregados de bombas e as potentíssimas máquinas de destruir que cruzam os céus? O sol e a lua escurentados pelas explosões? As convulsões cósmicas?

Levantar as fronteiras e os olhos?

Para ter a impressão de estar fugindo, isolando-se dos escárnios provenientes dos apóstatas? De sua crueldade?

Para não contemplar com amargura os horripilantes estragos da apostasia nas almas encantadas e atraídas pelo e para o *“aparecimento do iníquo que é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios de mentira”* (2<sup>a</sup>

Tessalonicenses 2.9)?

*“Erguei as vossas cabeças”* é o jubiloso anúncio de Jesus porque *“a vossa redenção se aproxima”* (Lucas 21.28).

Aquela redenção aguardada com ardente expectativa por toda a criação. A *“redenção do nosso corpo”* (Romanos 8.19, 23).

A nossa gloriosa ressurreição!

*“LEVANTAI AS VOSSAS CABEÇAS”*, pois aproxima-se o magno instante escatológico quando os salvos, os fiéis à “sã doutrina”, verão *“o Filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória”* (Lucas 21.27). Semelhante a Filho de homem, assentado sobre uma nuvem, cabeça cingida de uma coroa de ouro, empunhando a afiada foice do Juízo (Apocalipse 14.14) para ceifar os cachos da vinha da terra e lançá-los no grande lagar da ira de Deus (Apocalipse 14.18-19).

*“PERTO ESTÁ O SENHOR”* (Filipenses 4.5).

Cabeças erguidas, corações ao alto, naquela expectativa de absoluta certeza

de Sua gloriosa Vinda, retenhamos com intransigente e inflexível fidelidade, a despeito das maquinações do erro, e para que ninguém tome a nossa coroa de galardões, retenhamos o que temos da “sã” e “boa doutrina”, até que Jesus venha! (Apocalipse 2.25; 3.11).

E Ele vem sem demora! (Apocalipse 3.11). *“Pois o tempo está próximo”* (Apocalipse 1.3). Garante-nos Ele: *“Certamente, venho sem demora”* (Apocalipse 22.20).

Com a apostasia grassante em proporções inimagináveis e indescritíveis, cumpre-se O MAIS IMPORTANTE SINAL DA

IMINENTE VOLTA GLORIOSA DE JESUS, a Sua empolgante parusia!!!

Que esse sinal, a APOSTASIA, cumpra o seu desgraçado destino a fim de ser quanto antes atendido o nosso clamor: “*VEM, SENHOR JESUS!!!*” MARANATA!!! (Apocalipse 22.20).

**.oOo.**